

META
LINGUA
GEM

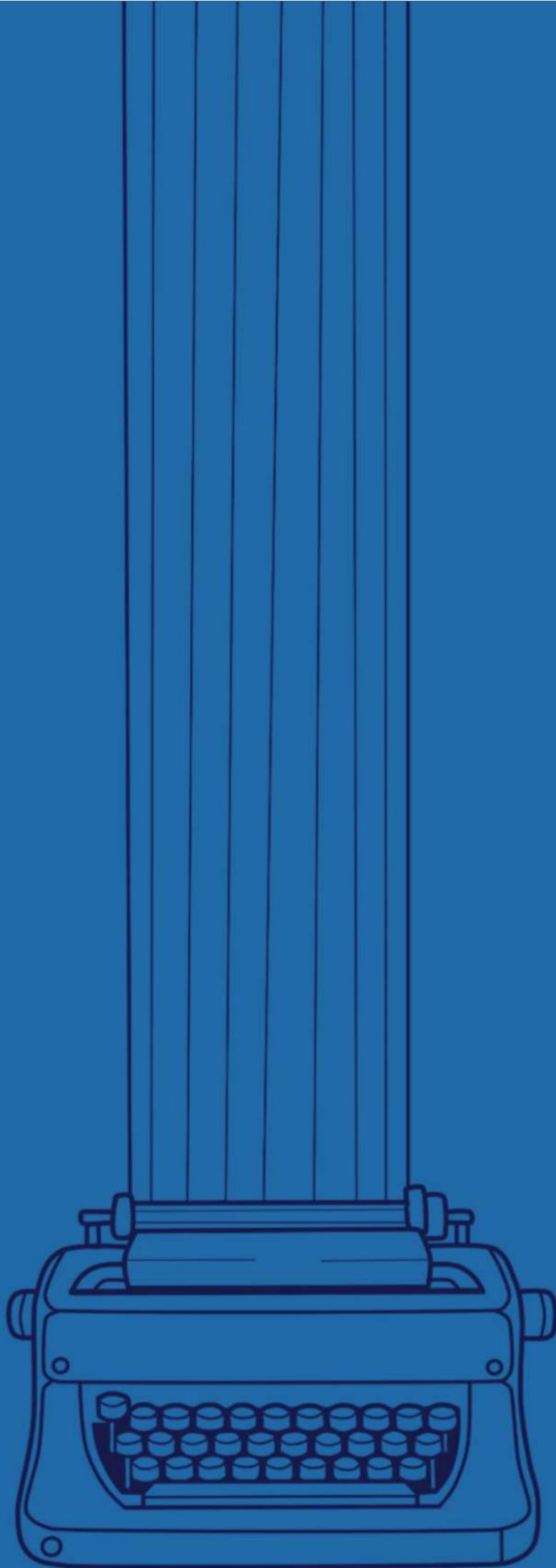


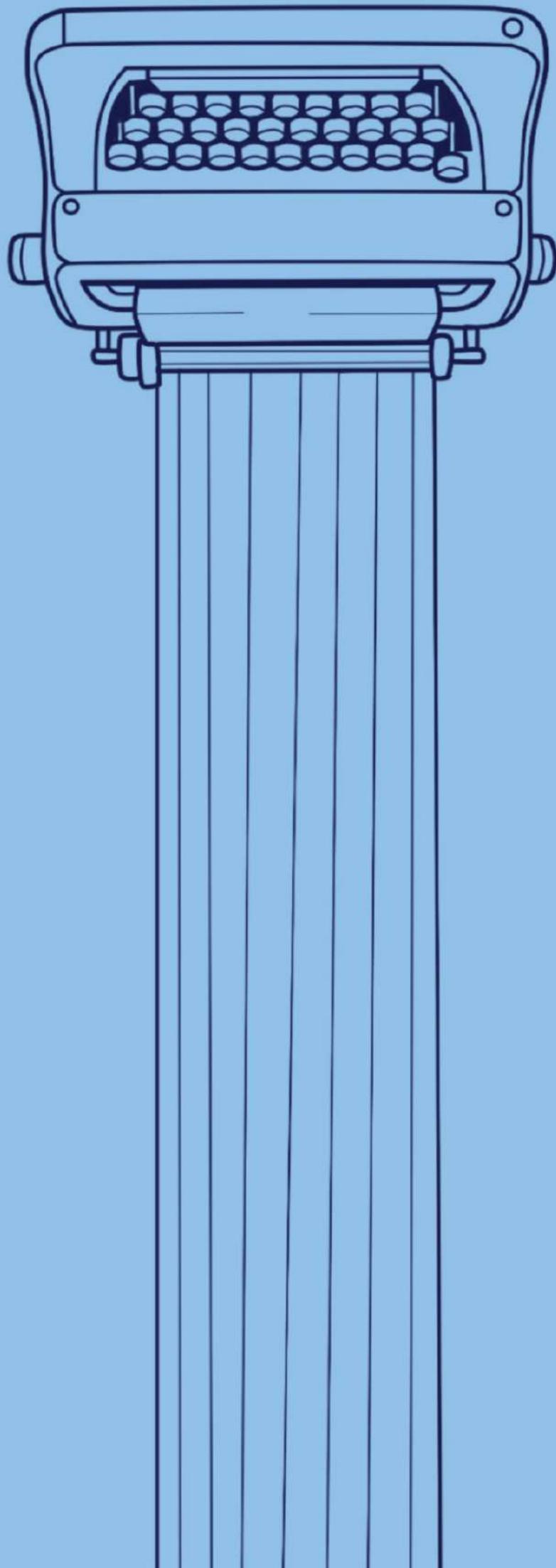
H
N
Z
T
R
E
T
E
X
T
U
L
H
O
D
A
E

REVISTA

EDITAR

18ª Edição





Diretora-Geral

Carla Simone Chamon

Vice-Diretor

Conrado de Souza Rodrigues

Chefe de Gabinete

Danielle Marra de Freitas Silva
Azevedo

**Diretora de Educação
Profissional e Tecnológica**

Lilian Aparecida Arão

Diretor de Graduação

Moacir Felizardo de França Filho

**Diretora de Pesquisa e Pós-
Graduação**

Laíse Ferraz Correia

**Diretor de Planejamento e
Gestão**

Flávio Luis Cardeal Pádua

**Diretor de Extensão e
Desenvolvimento Comunitário**

Patterson Patrício de Souza

**Diretor de Governança e
Desenvolvimento Institucional**

Sandro Renato Dias

**Diretor de Tecnologia da
Informação**

Prof. Gray Faria Moita

**Diretor de Desenvolvimento
Estudantil**

Leandro Braga de Andrade

**Departamento de Linguagem e
Tecnologia Chefe**

Sérgio Roberto Gomide Filho

Chefe adjunta

Ana Elisa Ribeiro

**Bacharelado em Letras -
Tecnologias de Edição****Coordenadora**

Luiz Antônio Ribeiro

Coordenadora adjunta

Guilherme Lentz da Silveira
Monteiro

LED

LED é a editora-laboratório do Bacharelado em Letras – Tecnologias de Edição do CEFET-MG. Tem por objetivo proporcionar ao corpo discente um espaço permanente de reflexão e experiência para a prática profissional em edição de diversos materiais. Tem como princípios fundadores: a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão; a integração entre formação teórica e formação prática; e a valorização do aprendizado horizontal e autônomo.

<https://www.led.cefetmg.br/>
led.cefetmg@gmail.com
[youtube.com/@ledcefetmg](https://www.youtube.com/@ledcefetmg)
[led_cefetmg](https://www.youtube.com/@ledcefetmg)

Coordenadora

Profa. Dra. Elaine Amélia Martins

Vice-coordenador

Prof. Dr. José de Souza Muniz Jr.

Comissão Editorial

Profa. Dra. Ana Elisa Ribeiro

Profa. Dra. Elaine Amélia Martins

Prof. Dr. José de Souza Muniz Jr.

Prof. Dr. Luiz Henrique Silva de
Oliveira

Prof. Dr. Rogério Silva Barbosa

Prof. Dr. Wagner Moreira

Conselho Editorial

Profa. Dra. Ana Cláudia Gruszynski
(UFRGS, Brasil)

Profa. Dra. Andréa Borges Leão
(UFC, Brasil)

Profa. Dra. Daniela Szpilbarg (CIS-
IDES-CONICET, Argentina)

Profa. Dra. Isabel Travancas
(UFRJ, Brasil)

Profa. Dra. Luciana Salazar
Salgado (UFSCar, Brasil)

Prof. Dr. Luis Alberto Ferreira
Brandão Santos (UFMG, Brasil)

Profa. Dra. Marília de Araújo
Barcellos (UFESM, Brasil)

Prof. Dr. Mário Alex Rosa (UNI-
BH, Brasil)

Prof. Dr. Mário Vinícius Ribeiro
Gonçalves (CEFET-MG, Brasil)

Revista Editar**Coordenadores e professores da
disciplina Processos de Edição II**

Prof. Dr. Mário Vinícius Ribeiro
Gonçalves

Prof. Dr. Filipe Freitas

Contato

Adriana Alves de Jesus

Gabriel Antonio Duarte Machado

Izabella Cristina Ferreira Gonçalves

Luísa Helena de Oscar Costa

Marco Túlio Atayde Carvalho

Redação

Davi Mansour Salim Mourawad

Gabriela Geralda Lima Moraes

Ise Luíza Gomes de Moraes

Mariana do Amaral Simões

Marina Ramos Lisboa

Patrícia Honório de Freitas

Preparação

Cristian Lucas Diniz de Paula

Grazielle Lourenço Silva Rosa

Joana Roncarati Bentes

Projeto gráfico

Kauã Gomes Diniz

Milena Balbino Ferreira

Victoria Luyza Ferreira da Silva

Diagramação

Gabriela Geralda Lima Moraes

Kauã Gomes Diniz

Victoria Luyza Ferreira da Silva

Revisão

Camilla Teixeira Amaral

Murilo Mouraria dos Santos

Natalia De Paula Araújo

Divulgação

Asafe Oliveira Couto Pontes

Lucas Viéri Bragança Santos Bastos

Av. Amazonas, 5.253, Nova Suíça -
Campus I, sala 242 - Belo
Horizonte, MG, Brasil,
CEP 30.421-169 - Telefone: +55 (31)
3319-7140

SUMÁRIO

6 LITERATURA

<i>Constelações de texto</i>	8
<i>Solidão</i>	11
<i>Para escrever sobre amor</i>	14
<i>Entre silêncios e versos...</i>	16
<i>Papirando</i>	21
<i>Uma fazulha</i>	23
<i>Onde estão suas feridas</i>	25
<i>Minha pequena poesia</i>	26
<i>Pebolim</i>	27
<i>Poema</i>	28
<i>Duelos</i>	29
<i>Sopa de letras</i>	32
<i>Tentativas</i>	34
<i>Entre estantes e versos...</i>	35
<i>O Slam na diversidade...</i>	39
<i>Monólogo interno</i>	42
<i>O encontro</i>	45
<i>Ecos de ficção</i>	47
<i>sobre a minha paixão...</i>	50
<i>Revista pernambuco...</i>	53

78 CINEMA

<i>Cidadão Kane no esgoto</i>	80
<i>Kill Bill</i>	84
<i>Coluna cinema</i>	88

90 MÚSICA

<i>Kintsugi</i>	92
<i>A arte de personificar</i>	95
<i>A poeta que aprende...</i>	97
<i>Alternative Press...</i>	100

56 ENTREVISTA

102 ARTES PLÁSTICAS

<i>Entranha da arte</i>	104
<i>Açaí</i>	106
<i>Revistas</i>	108

66 TEATRO

<i>Partido</i>	68
<i>Teatro no preto</i>	72
<i>De volta aos velhos hábitos</i>	74

110 MINI BIOGRAFIA

LITTE RA



TU
TU
RA



Constelações de textos

Arthur Ribeiro da Silva

Quando um indivíduo produz um texto, ele tem a impressão de estar criando algo original e irrepetível. Um texto, seja oral ou escrito, é inédito se nunca tiver sido pronunciado ou redigido antes. Mas seriam as partes que o compõem inéditas também?

Se pensarmos que um texto é formado por frases, nas imensas constelações de textos do universo cultural humano, é quase impossível uma frase nunca se repetir. E o que dizer das palavras? Palavras são criadas para serem reutilizadas. Isso é intrínseco ao propósito comunicativo delas. Assim, não existe ineditismo total nos textos. Nem originalidade total, por conseguinte. Eles possuem relações indissolúveis com inúmeros antecessores. Podemos fazer uma estimativa de quantas relações?

Impossível! Cada palavra usada, cada discurso mobilizado, cada informação a qual se recorre estabelecem tantas conexões, que nenhum ser humano é capaz de visualizar a rede inteira. Apesar disso, a nomeamos: intertextualidade. Tal conceito foi criado na década de 1960, sendo a responsável pelo surgimento do termo, Julia Kristeva, crítica literária francesa. Isso ocorreu enquanto Kristeva discutia as teorias bakhtinianas presentes nas obras *Problemas da poética de Dostoiévski* e *A obra* de François Rabelais.

A intertextualidade é formada por muitas linhas das quais autor e leitor possuem pouca ou nenhuma consciência, mas nem tudo consiste em tatear no escuro. Na literatura, para a criação de personagens, cenários e enredos verossímeis, o escritor tende a buscar referências em outros textos. Por vezes busca em tex-

tos históricos. Na série de quadrinhos *Watchmen*, por exemplo, o autor, Alan Moore, constrói sua história promovendo intertextualidade consciente com narrativas históricas reais ligadas à Guerra Fria. Escritores buscam referências também em outros textos literários do mesmo gênero, como o livro *Longe dos Olhos*, de Ivan Jaf, um romance que apresenta ao público infanto-juvenil outro romance: *O Mulato*, de Aluísio Azevedo. São numerosos ainda textos literários que se apoiam em correlatos de outros gêneros. Um exemplo é o livro *O Pica-Pau Amarelo*, de Monteiro Lobato, e suas relações com contos fantásticos universais e lendas do folclore brasileiro. Bentes, Koch e Cavalcante (2007) distinguem a intertextualidade ampla, presente em todos os textos, da intertextualidade *stricto sensu*. A intertextualidade *stricto sensu* acontece quando um texto remete a um antecessor efetivamente produzido (ou a fragmentos deste). O uso de narrativas históricas em *Watchmen* pode ser visto, portanto, como intertextualidade ampla. Já em *Longe dos Olhos*, que remete a um livro efetivamente produzido, mencionando-

-o e usando fragmentos dele, temos um caso de intertextualidade *stricto sensu*.

Os domínios supracitados são campos férteis para a intertextualidade temática, onde diferentes textos abordam o mesmo tema. Também é o domínio jornalístico, outro campo no qual a intertextualidade propositada é muito importante. Nele, citações diretas e indiretas ajudam a sustentar os discursos expressos. Porém, é no domínio científico que a intertextualidade consciente se mostra com maior evidência. Uma das qualidades mais esperadas em um texto acadêmico é um bom alicerce construído por trabalhos antecessores relevantes para o tema sobre o qual ele discorre.

Sempre que se fala sobre algo ou alguém, o objeto do discurso são outros discursos. Manifestar uma opinião sobre um partido político, por exemplo, não é manifestar-se acerca da essência do partido, mas sim de sua imagem atravessada por discursos precedentes, materializados em textos lidos pelo opinante. Esta constatação talvez explique, em parte, como é possível haver

opiniões tão divergentes sobre um mesmo objeto. A explicação está em todo o conjunto de textos (e discursos) que a pessoa mobiliza para falar ou escrever a respeito daquele objeto. Quanto mais diferenças houver entre os conjuntos de textos que duas pessoas acessam, maiores as chances de que as opiniões das duas não se assemelham.

Saber manejar diferentes níveis de intertextualidade é importante para todos nós produtores de textos. Alguns níveis serão mais importantes para certos domínios. Além disso, Bazerman (2006) esclarece que a intertextualidade explícita envolve diferentes técnicas. As reconhecíveis com maior facilidade são a citação direta e a citação indireta. Fazer bom uso dessa fundamental ferramenta não diz respeito apenas “[...] a que outros textos você se refere, e sim como você os usa, para que você os usa e, por fim, como você se posiciona enquanto escritor diante deles para elaborar seus próprios argumentos” (BAZERMAN, 2006, p. 103).

REFERÊNCIAS

BAZERMAN, Charles. Intertextualidade: como os textos se apoiam em outros textos. In: BAZERMAN, Charles. **Gênero, agência e escrita**. São Paulo: Cortez, 2006. p. 87-103.

BENTES, Anna Christina; KOCH, Ingedore G. Villaça; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. São Paulo: Cortez Editora, 2007.

Solidão

Diogo da Costa Rufatto

Noite

noite escura

noite fria

a quem perguntei:

— Existe solidão maior que a minha?

Sopraram os ventos, uivaram

em resposta:

— A solidão do átomo que se desprende

no espaço

sem ruído

no vácuo.

— *A solidão dos abismos
dos picos das montanhas
que nunca veem o chão.*

— *A solidão da neve congelando
do fogo a queimar
da lava nuclear
que desconhece o fora de si
do ácido da ferrugem corrosiva
dos imóveis elétrons
que atingiram o zero absoluto.*

— *A solidão da árvore mais antiga
que viu perecerem
todas as criaturas
de antes de si.*

— *A solidão da casa fechada
abandonada ao pó
sem memória*

*como a palavra primordial
dum idioma morto e sepultado.*

*— A solidão da própria solidão
um sólido gigantesco e hermético
encalacrado para sempre
no próprio aumentativo.*



Para escrever sobre o amor

Davi Mouramad

Para escrever sobre amor lembre-se

Dos corpos atados

Dos corações atentos

Dos pulmões copiosos

E das entranhas temerosas

Dos papéis de embrulho, carta e cartão

E que o amor é um garrancho

Da correnteza lacrimosa

Da relva desejosa

Do sereno melódico seca garganta

E dos passos embriagados que te trouxeram aqui

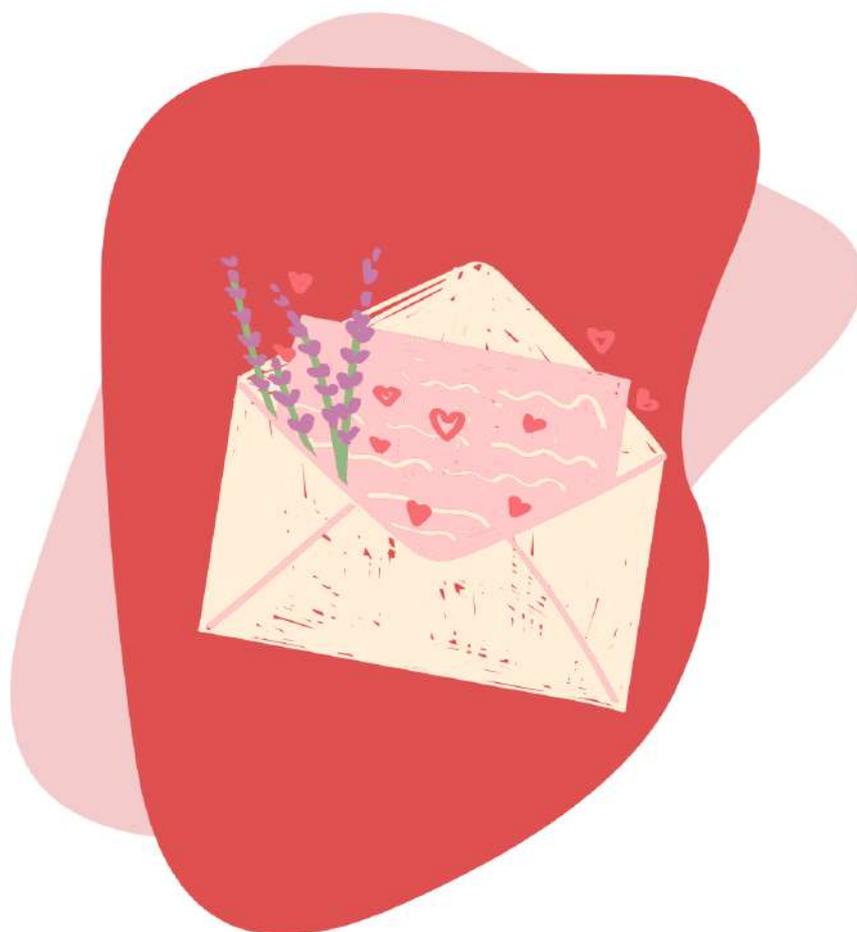
Esqueça os sonetos e os madrigais

As rimas e as pastorais

E guarde a coerência na gaveta

Não há esquema

E o léxico não contém



Entre Silêncios e Versos de um Mundo Infinito: O Brilho do Autismo

Davi Rodrigues de Sousa Javarini

*O autista caminha em seu ritmo próprio,
Com um olhar profundo, pensamento nítido e sóbrio.
No espectro do TEA, o mundo se desfaz,
Mas sua inteligência brilha, se ergue para a paz.*

*O transtorno é só uma palavra distante,
Para quem vê no autismo um ser vibrante.
Em cada gesto, um foco, uma razão,
Entre palavras e silêncios, existe a canção.*

*Autistas, todos diferentes em sua essência,
Mas unidos pela vida, pela resistência.*

*O foco é a chave para a interpretação,
De um mundo que traduz, com a alma, a visão.*

*No autismo há poesia, há força, há beleza,
Um universo de cores, em sua natureza.
Metalinguagem que se mistura com a alma,
Onde o som e o silêncio encontram sua calma.*

*O transtorno é apenas o nome de um caminho,
Onde o autista segue com seu próprio destino.
Sua inteligência, um brilho sem igual,
A riqueza do autismo é universal.*

*No foco da vida, o autismo se reflete,
Em cada letra, em cada texto, se projeta.
A intertextualidade é o elo que une,
As mentes brilhantes que o mundo acolhe e assume.*

*A poesia se faz, então, neste tom,
Onde a linguagem é livre, sem medo ou dom.*

*Entre o TEA e a alma, existe um amor,
Que transborda nos versos, no mais puro ardor.*

*O autista, com seu olhar singular,
Encontra beleza onde muitos não vão parar.
No transtorno, há mistérios a desvendar,
Cada gesto, um sinal a se revelar.*

*A inteligência é vasta, mais que se imagina,
No foco do autismo, uma força divina.
Os autistas, com seu mundo especial,
Nos ensinam a ver o simples como o essencial.*

*Em cada experiência, uma narrativa a contar,
Com o olhar atento, o espírito a clarear.
A intertextualidade, poesia a dialogar,
Entre os mundos que o autismo vem mostrar.*

*Cada palavra se veste de compreensão,
No espectro do TEA, existe uma lição.*

*O autismo é luz, é sombra, é o ser,
É aprender a viver e, com o mundo, renascer.*

*E no foco da mente, tudo se encontra,
No infinito da alma, a verdade se afronta.
O autista, com sua essência de amor,
Nos dá o exemplo de um mundo sem dor.*

*Assim, a poesia se eleva e se firma,
No autismo, a beleza é sempre infinita,
A metalinguagem do ser, com sua verdade,
Nos ensina que em cada diferença, há humanidade.*

*No fim, a jornada se faz luz e reflexão,
O autista, com sua imensa conexão,
Mostra que a diferença não é barreira,
Mas uma ponte para uma vida inteira.*

*Em cada palavra, um novo olhar surge,
Em cada gesto, um silêncio que urge.*

*O autismo é poesia, é arte em movimento,
É vida, é amor, é puro encantamento.*

*Foco, inteligência, e um brilho a brilhar,
No espectro do TEA, podemos encontrar
A verdadeira essência do ser e do viver,
Onde todos podemos aprender a perceber.*

*Assim, a metalinguagem se faz de união,
Intertextualidade de alma e coração.*

*No autismo, a beleza se revela sem fim,
E a humanidade brilha, a começar em mim.*



Papirando

Denilson Silva

*Papo bom
com o papiro.*

*Com seus ecos
de Egito.*

*Confesso piro
com esse papo
de papel
vegetal, digital
ou antigo.*

*História que é
ou que será
memória quando*

houver sido.

*Papiro-poema
de papel passado
com o infinito.*



Uma fagulha

Denilson Silva

Leitura

leitora

leitor

leito

lei

ler

com calma

com alma.

Menos tensão

mais fruição.

Que o código escrito

a imagem inscrita

os sons e sentidos

em silencioso grito

abrir-se-ão

*à tua compreensão.
Nada de arrombamentos
nem de submissão.
Eis a única lei
da leitura
da leitora
do leitor:
sê magia
do leito
em que se enamoram
corpos e palavras.*

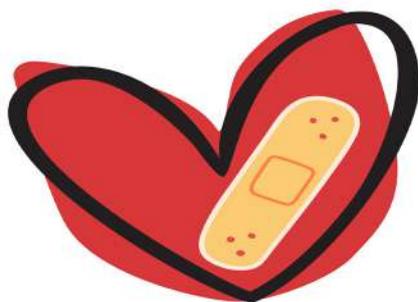


Onde estão suas feridas?

Bernardo Neto

você dizia que éramos nossos artistas favoritos, mas nunca se prestou a ler qualquer coisa que eu tenha escrito. te mostrei apenas um dos vários poemas que escrevi para você, enquanto até mesmo simples elogios eram difíceis de serem pescados de sua boca.

a pior parte da dor é saber que você não a sente. me sinto inválido, traído pelo meu próprio coração, vendo que não faço falta para ti como faz para mim. apesar de todas as tatuagens em seu corpo, também tem marcas na alma, e nem ao menos isso eu fui. sou sua brincadeira de três meses, um caso que passou, e você é uma cicatriz que vai do meu pescoço aos meus calcanhares. meu “e se”. meu arrependimento. meu orgulho. minha saudade. minha repulsa. meu trauma. tudo isso, exceto meu.



Minha pequena poesia

Aura

Sinto-me submerso em um mar de poemas sobre você

Cada linha é sobre você, cada parágrafo

Você!

Somente você

De todos os poemas que escrevo sempre cito você

O papel, as palavras, as linhas, cada frase se formando

Você!

O que é poesia comparada a você?

Minha eterna e mágica poesia.



Pebolim

Mariana do Amaral

Beatrice, por favor, não me olhe assim

Me apaixonei por você

Durante uma partida de pebolim



Poema

Robert Gonçalves

*Sutura minha vida a linha da memória indigesta
A traça rejeitou o retalho desfigurado
São meus sonhos que resistem a esmorecer*

*Quando eu morrer, haverá de ser esta
A coberta inútil sobre o corpo alado
Que os sonhos não fizeram perecer*

*Enquanto tarda a eterna sesta
Feito Brás Cubas invertido terei dedicado
Àquela inimiga do tecer:*

*“À traça que primeiro roeu os puídos retalhos da minha memória, dedico
como saudosa lembrança estas memórias eternas.”*



Due1os

Rogério Barbosa da Silva

para Roman Jakobson e Haroldo de Campos

*A interação variada das diferenças
os ouvintes das melodias mágicas
a mulher e a serpente invulgares
sedutoras uma para a outra
o pássaro, o leão, Yadvigha
pálida numa tela de Rosseau.*

*Ouçam **The sorrow of love**
as múltiplas versões de Yeats
desnudam o combate feérico
na terra e no ar lutam o poeta
e seus personagens a trama*

do texto, dos sexos e dos deuses

confrontam-se os versos e versões

nos planos elevado e terreno

guerreiam o feminino e o masculino

dísticos ímpares versus os pares

as rimas conjugam similaridades

nos pormenores explodem signos

a garota dos lábios lascivos lúgubres

espelha o sublime mundo em lágrimas

ou a condenação de Ulisses no mar

Príamo orgulhoso morto pelos pares

no arranjo mais simples e apropriado

arranca ohs e ahs no obscuro encanto

a linguagem aritmeticamente composta

faz o balanço entre o que nega e afirma

esgarçam-se os símiles na variância

duelo do léxico e da morfossintaxe

*para que a tradição no ritmo se amplie
na oficina o poeta pinta com palavras.*

Obs: poema publicado na *Antologia de Ouro* (Museu Nacional da Poesia, 2024; também no livro autoral *Todos os céus* (Inmensa Editorial, 2024). Originalmente escrito para uma plaquete artesanal da disciplina “Escritas Híbridas” (Posling, 2021).



Sopa de Letras

Rose Lisboa

*Mundo de ideias,
um frasco trocado,
com o mesmo resultado
...e trocadilhos...*

*Sem explicações ou diagramas,
deixe de dramas,
com seu duplo sentido,
e trocadilhos...*

Manga da manga na manga.

Baleia baleia baleia.

Quadro verde é negro.

Verde mesmo é o milho,

e trocadilhos...

*Mar revolto revolta a praia,
então vamos embora porque ficou “paia”.
Bora colocar a vida de volta aos trilhos,
...trocadilhos...*



Tentativas

Sophia Assis

Pensar no inatingível

É exercício de dor

É mutilar-se lentamente

É refletir o irrefutável

Estar imune ao enigmático

É querer o improvável

É tentar buscar a coisa

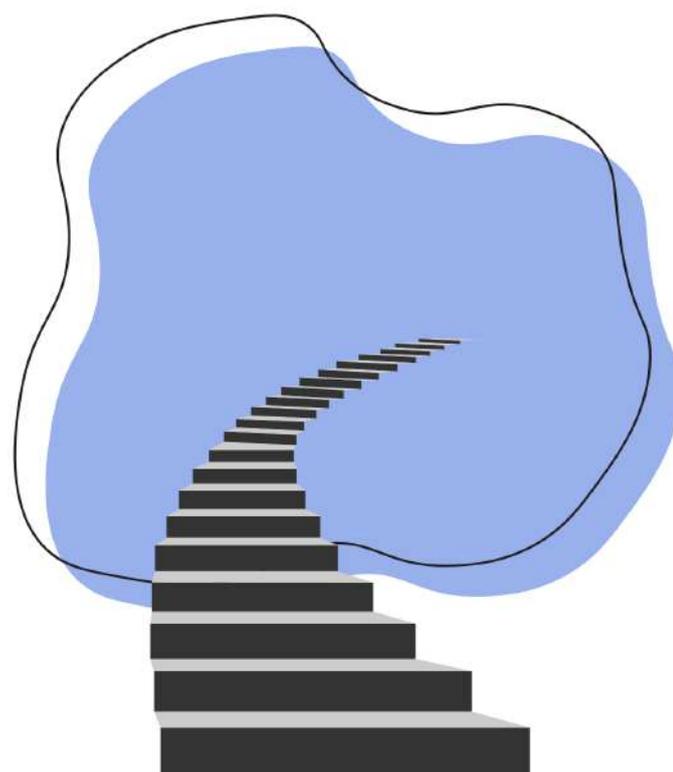
É sentir-se perto dela

Alcançar o inatingível

É acreditar no impossível

É aceitar o inaceitável

É sonhar



ENTRE ESTANTES E VERSOS: a sinfonia da palavra nas páginas

Eliane Rodrigues de Souza Javarini

*Na biblioteca, o silêncio repousa,
Entre estantes, a palavra se escusa.
Livros guardam segredos no papel,
Onde o tempo é eco, como um céu.*

*A bibliotecária, com seu olhar profundo,
Vaga entre as páginas do vasto mundo.
Revistas desfolham histórias e saber,
Cada linha reflete o que há para entender.*

*Os livros falam de mundos distantes,
De amores, de sonhos, de momentos vibrantes.*

*Em cada estante, uma nova jornada,
A literatura, a alma iluminada.*

*Na biblioteca, as palavras se entrelaçam,
Metalinguagem e intertextualidade abraçam.
Os livros dialogam, e assim se conectam,
Em cada verso, mil vozes se detectam.*

*A bibliotecária conhece cada história,
Seu olhar é farol na memória.
Revistas e livros, fontes de luz,
No universo literário, cada obra reluz.*

*E assim, entre páginas e letras a dançar,
Na biblioteca, o saber vem a brilhar.
Com metalinguagem e intertextualidade,
A escrita constrói sua infinita verdade.*

*Na biblioteca, o saber é um rio,
Cada livro, um farol, um fio.*

*Entre revistas e palavras a soar,
Os pensamentos começam a se entrelaçar.*

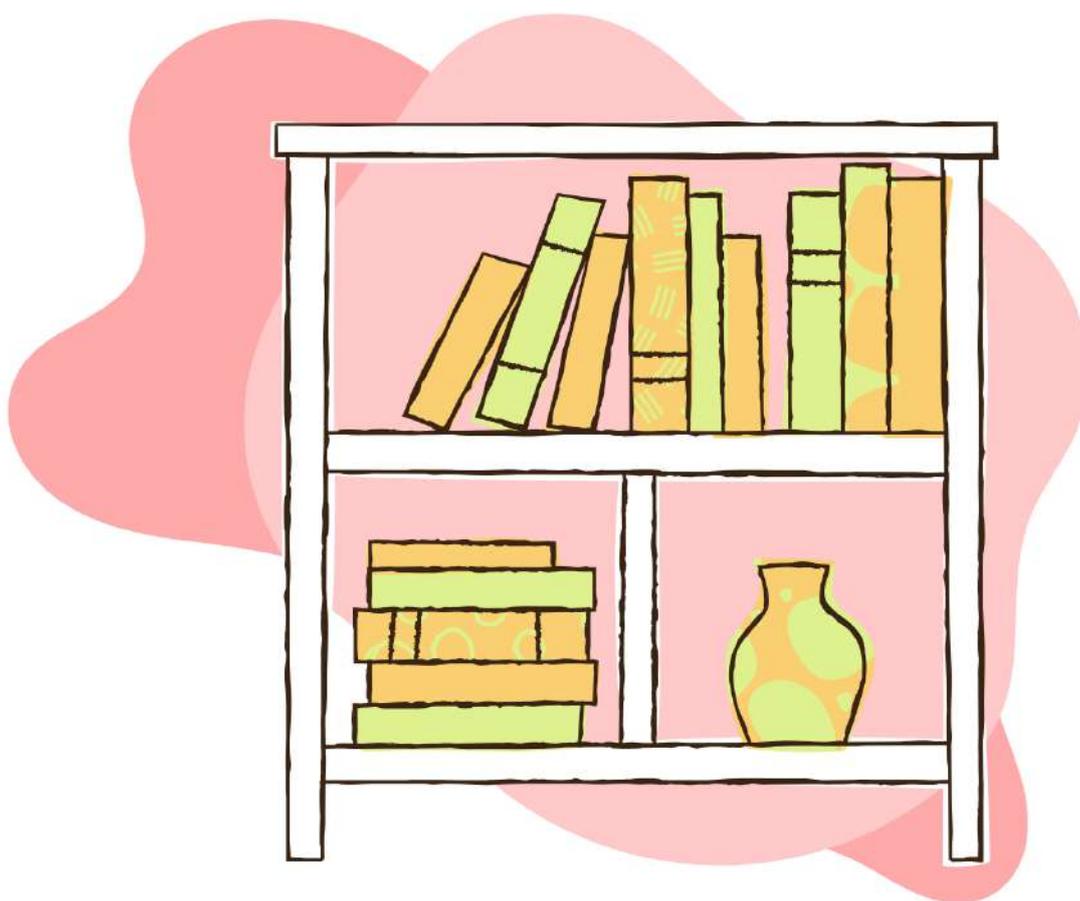
*A bibliotecária, com mãos delicadas,
Toca as páginas, almas aladas.
Livros falam, revistas respondem,
Em um diálogo onde os sentidos se expandem.*

*Metalinguagem, reflexo do olhar,
Intertextualidade, um caminho a traçar.
Nos corredores de palavras, ecoa a canção,
Onde cada verso é uma revolução.*

*Assim, a biblioteca é um espaço de criação,
Onde a literatura constrói sua nação.
Em cada livro, um universo a se abrir,
Em cada verso, um novo existir.*

*Na biblioteca, as histórias nunca terminam,
E os livros, em silêncio, sempre iluminam.*

*Revistas e textos, como rios a correr,
No coração da palavra, tudo pode florescer.*



O Slam No Brasil em sua diversidade

Rogério Coelho

A modalidade de *slam*, uma competição de poesia falada, já é conhecida mundialmente há mais de trinta anos, tendo seu início nos EUA, nos anos de 1980, possuindo, atualmente, mais de mil comunidades espalhadas em todo o mundo. As competições são realizadas conforme as regras de participação em que qualquer pessoa pode recitar/performar poemas autorais de até três minutos de execução, sem o uso de elemento de cena, figurino ou acompanhamento musical. As performances são avaliadas por um júri de cinco pessoas, escolhidas entre o público presente (com critérios de paridade de gênero e raça) que dão notas de zero a dez pontos em cada uma das três rodadas de apresentações. Ao final, vence quem somar a maior pontuação.

Hoje há vários formatos de realização das competições que variam nas regras, recriando estratégias e jogos mais afins com o perfil de cada comunidade que organiza o *slam*. Desde competições em que poetas têm até dez ou treze segundos para recitar, como o Menor *Slam* do Mundo (SP) e o 13zinho (SP), respectivamente, até os mais convencionais que duram três minutos. Há também o *Slam* Interescolar, uma competição entre escolas, seja da mesma cidade, estado ou do país, como organização de diversos coletivos. No ano de 2022, o coletivo *Slam* da Guilhermina (SP) recebeu o Prêmio Jabuti de incentivo à Leitura por organizar o *Slam* Interescolar SP. Outros formatos, como *slams* nos quilombos, indígenas, ou somente feitos com poemas de amor, *slams* de pessoas transgêneras, de mulheres, entre tantos, são autoafirmativos e revelam um público

específico para a participação e na relevância das vozes ali representadas.

No Brasil, as competições se iniciaram em 2008, pelo coletivo de São Paulo, a Cia de Teatro Hip Hop Bartolomeu de Depoimentos, com sua representante, Roberta Estrela D'Alva, na criação do ZAP Slam, o primeiro do país. Esse coletivo também foi responsável pela criação da primeira competição nacional de slam, o SLAM BR, em 2009, quando participaram apenas nove slams. Na última contagem do SLAM BR, etapa nacional da competição, somaram-se duzentas e oitenta comunidades de *slam* no país. A competição nacional é realizada todos os anos com representantes de cada estado. No ano de 2023, o *Slam Clube da Luta*, o primeiro *slam* de Minas Gerais, foi responsável pela sua realização, que teve a primeira edição em outro estado, ocorrida na cidade de Itabira, trazendo vinte e sete representantes dos estados, em que venceu a poeta King, que foi representar o país no MÉXICO em 2024, pelo *Slam* das Américas etapa anterior do WPSC (*World Poetry Slam Championship*), competição mun-

dial, com mais de quarenta países realizado no Togo, do continente africano.

O *Slam Clube da Luta* de Belo Horizonte tem atuação ininterrupta desde 2014, no Teatro Espanca!, centro da capital mineira. Mensalmente, sempre às últimas quintas-feiras, são realizadas as competições que contam com público médio de oitenta pessoas em cada edição. O coletivo é certificado como Ponto de Cultura, pelo Programa Cultura Viva do MinC (Ministério da Cultura), e realiza oficinas e competições de slams em festivais literários como o FLIBH, Flitabira, Fliaraxá, Flipetrópolis e Fli-paracatu. Além disso, é responsável pela realização da etapa estadual, o *Slam* MG, desde 2017, e já revelou representantes mineiros/as em todas as edições nacionais (Slam BR), em quatro competições internacionais, com dois poetas campeões mundiais (João Paiva e Pieta Poeta).

A cena do *slam* vem crescendo a cada ano e se diversificando nas modalidades de performances apresentadas. Todo esse circuito revela grande importância nos modos de fazer cultural que abre possibilidades da produção de, majori-

tariamente, jovens poetas periféricos/as no desenvolvimento de suas habilidades artísticas; de suas formas de emancipação; da cadeia criativa e produtiva no acesso ao bem cultural de grande porte; no incentivo e promoção das artes no geral; na luta pelos direitos e mitigação das violências sofridas por grande parte de artistas, pessoas negras, transgênero, LGBTQIAPN+, indígenas, mulheres, entre outros. As formas de elaboração e criação de poemas falados exploram um cotidiano mais justo, inclusivo e de grande apelo pela manifestação pela arte.



Monólogo interno

Filipe Freitas

“**T**udo começou com um sonho” – eu disse ao médico, enquanto me sentava na cadeira diante dele, que ainda não havia levantado os olhos do caderno onde fazia anotações sobre o paciente anterior.

“Sonhei que estava com meu pai. O sonho em si não foi nada de extraordinário; sonho com ele com frequência, principalmente depois que ele faleceu, alguns anos atrás. O notável foi que, quando acordei, percebi que não conseguia ver o rosto dele em minha mente.”

O neurologista finalmente olhou para mim, esperando que eu continuasse.

“Me lembrei de *A torre negra*, de Stephen King. ‘Você esqueceu o rosto do

seu pai’ era o pior insulto para os pistoleiros do romance, o equivalente a ser chamado de desonrado. Mas eu não tinha esquecido o rosto dele. Ainda me lembrava dos seus dentes amarelados e dos olhos verdes, mas sabia o *nome* das cores, não o tom. Não havia imagem, só as palavras. Era como se eu lembrasse apenas de uma descrição, que eu teria decorado.”

“Não conheço essa história”, interrompeu o médico, com uma voz suave marcada por timbres de tédio e cansaço. “Mas isso que você descreve tem um nome: afantasia. É uma condição mental que impede as pessoas de visualizar voluntariamente imagens mentais. É relativamente rara e pouco compreendida, e normalmente congênita, mas há relatos de casos em que foi adquirida após algum trauma ou cirurgia...”

“Não é isso, doutor. Ou, pelo menos, não é só isso. Quando percebi que não conseguia visualizar os traços de meu pai na minha mente, resolvi procurá-los no espelho. Sempre me disseram que eu era muito parecido com ele. Levantei e fui até o banheiro, e foi aí que percebi que também não via o meu próprio rosto. Estava tudo lá: olhos, nariz, boca, o cabelo cheio de fios brancos e a barba por fazer. Mas não era uma *imagem*, e sim, *palavras*. Era como se eu houvesse percebido, de repente, que sempre havia sido cego e só conhecia o mundo através de uma descrição que me faziam dele.”

A expressão do médico mudou para curiosidade, a sobrancelha esquerda levemente soerguida. As palavras me distraíram. Pensei que, se “soerguida” significava “levemente erguida”, então “levemente soerguida” só podia ser um pleonasma.

“Há pessoas que têm uma voz interior, um *monólogo interno*, por assim dizer. É um mecanismo que faz com que você ‘ouça’ seus pensamentos sem necessariamente produzir nenhum som. Algumas pessoas não têm isso; elas têm

pensamentos internos, mas não escutam uma ‘voz’ que os expressa.” Ele pegou um livro grosso que estava sobre a mesa e começou a folhear. “Eu nunca ouvi falar de um caso como o seu, mas o processamento de linguagem ocorre na mesma área do cérebro que o processamento visual. É possível que você esteja sofrendo de algum tipo de *sines-tesia*, um fenômeno perceptivo em que as vias sensoriais são misturadas... De todo modo, ouvir essa voz interna não é preocupante em si, a não ser que ela se torne cruel ou violenta, o que poderia ser um sintoma, sinto dizer, de *esquizofrenia...*”

Pensei no que ele havia falado: se eu percebia o mundo através de um “monólogo interno”. É, acho que poderia ser descrito dessa maneira. Se bem que talvez seria mais preciso dizer que era uma narração. Eu não conhecia o mundo, mas sim uma *narração* dele. Em primeira pessoa.

Por que eu só havia começado a perceber isso naquela ocasião? Talvez meu cérebro tenha sofrido um curto. Vai ver eu tive um AVC, ou algo do tipo. Mas talvez

eu seja só um personagem de literatura, que percebeu a narração quando ela começou. Não notei nada antes porque não havia nada antes que o texto começasse, que o autor escrevesse a primeira frase, que o leitor lesse as primeiras palavras...

A ideia me deu vertigem.

O doutor notou que eu estava atordoado e se levantou.

“Talvez seja melhor internarmos o senhor para observação. Se houver alguma alteração, uma ressonância magnética vai permitir avaliar se há motivo para pre-”

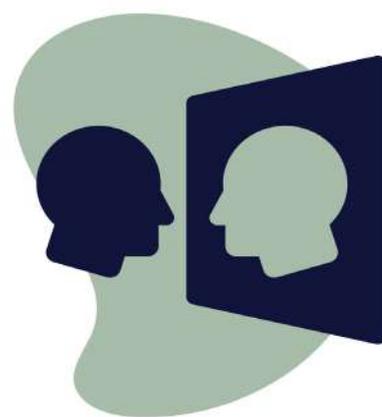
“Não”, interrompi, me levantando também, tentando me estabilizar. Como podia explicar para ele? Se eu era mesmo o personagem de uma história, talvez o protagonista de um romance, não queria que a trama começasse com uma bateria de exames médicos. Já vi o tipo de história que isso iria dar: invariavelmente achariam alguma doença incurável, e eu viveria uma daquelas narrativas tristes sobre a aceitação da própria mortalidade. Se fosse para passar por

isso, preferia que estivesse num conto. Pelo menos acabaria rápido.

Balbuciei algumas desculpas sem pé nem cabeça e me desvencilhei do neurologista. Saí da clínica para a rua ainda meio cambaleando, e a luz da tarde doeu nos meus olhos por alguns instantes. A ideia de ser um personagem era perturbadora: viver para o divertimento dos leitores, de acordo com os caprichos de um autor qualquer...

Havia um lado reconfortante: eu não precisaria tomar as minhas próprias decisões. O autor faria isso por mim. Mesmo assim, preferia ser livre.

Para isso, bastaria que a minha história tivesse um final aberto.



O encontro

Nayara Oliveira

Diriam que “o encontro” é ao acaso, outros, que “o encontro” é feito pelo grande Orumilá. Existe, talvez, verdade em ambas partes. A casualidade de um olhar que pousa a alma de alguém que nunca se viu, traz os desígnios de Orumilá, que permitiu o reencontro de corpos nunca antes tocados.

E foi assim que uma jovem Cigana assentou seu olhar em um grande Caboclo juremeiro, que passava. Vestido de verde, olhos que lembram folhas de guiné, um cheiro de incenso e alfazema que ela sentia de longe. Andava com uma postura que carregava em si a virilidade de Oxóssi no corpo, e o brilho no seu olhar refletia que, em seu peito, Caboclo carregava o ouro de Oxum.

Os olhos oblíquos da Cigana comeram

todo o ser que por ela passava, há muito ela não tinha um lugar seguro para acampar. Suas pulseiras tilintavam, seus passos foram cessados. O belo lhe roubou todo o olhar, rogou a Iroko para que o tempo parasse, que ela pudesse manter esses segundos na eternidade, e acredite, Iroko atendeu. Os segundos na encruzilhada duram até hoje.

Caminhos na mata são traiçoeiros, mas os filhos de Oxóssi não se perdem, nem mesmo na neblina do desejo, mesmo sendo o desejo o primeiro que rouba toda atenção, um sentimento tão interno, que situa-se no inconsciente mais profundo e, por vezes, emerge e toma todo o controle do ser, do sentir. Então não há mais jeito, o sujeito se põe a agir inteiramente pelo desejo que o toma, mas Caboclo não perde rumo, mesmo quando embebedado.

Desejos são como Iansã: fortes e voláteis. Seu domínio é intenso e prazeroso, mas pode mudar, na verdade, a mudança é inerente ao desejo. Desejos mudam, transformam-se, são antropofágicos, amorais em sua essência. Cigana, que muitas estradas rodou, acostumada com as tempestades de Iansã, se colocou como cerva a ser caçada, com pressa em ser presa a se servir, deixou-se capturar a alma e o corpo.

Caboclo pediu licença à Oxum e colheu o lírio, acolheu, bebeu, engoliu o mel, saciou o cio. A fogueira acesa faz arder, com uma única flecha, o suficiente para envergar a nômade. Que aguarda a firme lança, com esperança de morrer e sempre reviver na rede do filho de Oxóssi.

Só assim quando o desejo aquieta-se, alimentado de si mesmo, vem o que todos os espíritos anseiam: o amor. O reencontro de almas que se alimentam entre si. O Emi que impulsiona a vida.



Écos de ficção

Jean Javarini

Na sala silenciosa de paredes cobertas por estantes abarrotadas, a universitária Clara folheava um livro de literatura clássica. O bibliotecário, senhor José, um entusiasta da metalinguagem, observava com interesse.

— O que procura hoje? — Perguntou ele, ajustando os óculos.

— Algo que fale sobre como as histórias se constroem. Algo que me explique o universo da escrita — Clara respondeu com paixão juvenil.

Na mesa ao lado, Rafael, um estudante autista, rabiscava em um caderno. Ele estava ali todas as tardes, desenhando sistemas matemáticos que, de maneira surpreendente, pareciam dialogar com a poética dos livros ao redor. Rafael le-

vantou os olhos e, com timidez, interrompeu a conversa.

— O que você acha que é uma narrativa?
— Perguntou, surpreendendo Clara.

— Acho que é... um discurso organizado, com personagens e acontecimentos. Mas e você, Rafael? O que acha? — Clara retribuiu a curiosidade.

Rafael apontou para seu caderno.

— Acho que é como uma equação. Cada elemento tem um papel. Um narrador cria, mas depende de quem interpreta para encontrar o significado.

Clara sorriu. Havia poesia na visão de Rafael.

No fundo da sala, a psicóloga Helena,

que acompanhava Rafael em suas atividades, observava a cena com ternura. A interação refletia a relação entre sentidos, interpretação e contexto — a mesma discussão que fascinava os autores estudados por Clara.

Naquele momento, o professor de matemática, Pedro, entrou carregando uma pilha de livros sobre linguística e literatura.

— Trouxe algumas obras que podem interessá-los. Vocês sabiam que matemática e literatura compartilham simbolismos? — Disse ele, com um sorriso confiante.

Rafael ergueu a cabeça.

— Como assim, professor?

Pedro abriu um dos livros.

— Metáforas, Rafael. Tanto nos números quanto nas palavras, criamos figuras para explicar o universo. Veja, na literatura, um gênero é uma forma de

organizar a narrativa; na matemática, os sistemas também possuem estruturas e relações.

Clara percebeu a abordagem intertextual do momento. As palavras do professor de matemática ressoavam como alusões aos textos que lia, ligando o simbólico ao concreto.

— Então, é como se tudo estivesse conectado — disse ela. — A literatura, a matemática, a arte... tudo dialoga.

Helena completou:

— E é através desse diálogo que encontramos novos significados e criamos novas perspectivas.

O bibliotecário José, que acompanhava em silêncio, finalmente interveio:

— Vocês acabaram de construir uma narrativa. Uma obra coletiva, cheia de metalinguagem e intertextualidade. Cada um de vocês trouxe elementos diferentes: o Rafael trouxe a poética da matemática; o Pedro, as relações entre as disciplinas; a Clara, a curiosidade li-

terária; e Helena, a análise das relações humanas.

Todos se entreolharam, surpresos. Na simplicidade do momento, haviam criado algo extraordinário.

José continuou:

— A textualidade não está apenas nas páginas de um livro. Ela está no discurso, no diálogo, nas reflexões que compartilhamos. Vocês são os autores dessa narrativa viva.

E, assim, na pequena biblioteca, o universo das ideias se expandiu. Clara saiu de lá com um novo entendimento sobre metalinguagem e intertextualidade, Rafael viu suas equações ganharem vida em palavras, e todos se tornaram leitores e autores de uma história que jamais seria esquecida.



sobre a minha paixão pela vênus em escorpião

Yolanda Falinácia

a curiosidade sempre esteve ali. o interesse saiu do campo da imaginação e se concretizou em algo que, mesmo nos meus profundos sonhos acordada, não poderia pensar.

antes um devaneio, desses que me tiram da realidade ao longo de um dia cheio e embalado por uma boa trilha sonora; tudo ficou diferente depois daquela mensagem.

ela me marcou. não a vênus, ela também, mas a mensagem: *acho que nossas vibes combinam.*

de certa forma combinaram mesmo. se eu pudesse definir tudo em apenas uma palavra talvez seria sensação. a sensação que eu tive quando li essa primeira

mensagem. a sensação, ou as sensações, assim no plural, que conheci e reconheci ao longo dessa história.

as conversas, os encontros, os pensamentos, tudo sobre essa vênus tinha uma aura diferente. a curiosidade, natural em mim desde sempre, compartilhava essa nova experiência com o fascínio, com a satisfação, com o desejo e com uma felicidade que eu nunca havia acesado. acho que eu nem sabia que poderia sentir.

a vênus em escorpião é noturna, introvertida, receosa, mas também muito instigante. não demorou muito para que eu me encantasse completamente pelos seus mistérios. daí veio toda a visceralidade da relação, da vênus muda e indisciplinada no primeiro líquido do

mundo, e da minha constante vontade de entender e descobrir todos os seus segredos. ela se encanta pelo diferente: quanto mais estranho, mais controverso, mais chama-lhe a atenção. a vênus ama filmes de terror, eu sou uma medrosa convicta. apesar disso, escolhi, sem nem ler os termos, mergulhar em toda a profundidade dramática, assustadora e profana do escorpião nos termos do amor. e foi muito bom.

será que é possível se apaixonar por uma criatura tão letal como o escorpião e não sofrer com seu veneno? será que existe algum antídoto que neutraliza toda a intensidade das emoções, que nos puxa de volta para a superfície? questionamentos sem respostas.

antes, eu despreziosamente saí do meu mundo da lua diretamente para um mergulho sem proteção, sem os equipamentos de oxigênio, para a camada mais obscura e desconhecida dos mares. durante essa jornada, fui feliz. descobri belezas incríveis, naveguei pelo doce e pelo salgado; também pelo agridoce, das lágrimas de felicidade e de tristeza, de medo, que apareciam em desaba-

fos íntimos. passei a me sentir segura, sempre em busca da construção de uma base. talvez eu pudesse ser uma âncora, que iria até o fundo, que ficaria por ali independente do que acontecesse.

de um incômodo incapaz de ser silenciado, as picadas do escorpião começaram a aparecer. ainda em doses homeopáticas. a vênus se esconde quando confrontada, precisa de tempo para entender a situação, entender seus sentimentos. quanto tempo? o tempo que ela julgar necessário. o seu silêncio, no entanto, é barulhento, é irritante, é adoeecedor. até que ela vem. bem-posturada, ótima oratória, ela jamais se deixaria ser vista com as emoções à flor da pele. sua fala é educada, mas ríspida; é sutil, mas agressiva. seus apontamentos são egóicos, toda sua sensibilidade está centrada em si mesma.

o veneno logo faz efeito. eu sou um monstro? a vênus chorou, a vênus está cheia de problemas, ela sofre com muitas questões. é verdade, eu poderia ter me silenciado, tudo estava tão bem. eu sou um monstro. o castigo é o silêncio eterno, sim, a resolução é importante

para você, por isso nunca haverá uma resposta, tampouco um porquê.

há quem diga que o antídoto é o tempo. de fato, ele melhora muito a dor que machuca o lado esquerdo do peito, mas, de vez em quando, até mesmo o senhor de todo o tempo se vê vítima do grande pensamento da razão: por quê?

a vênus em escorpião não é um monstro. não precisa ser odiada. eu não odeio. existe uma tristeza, mas ódio não. tristeza pelo que não teve chance de ser consertado, pelo que não teve chance de ser ouvido. não é simples compreender as nuances dessa vênus. particularmente, é difícil desconstruir aquela primeira imagem cristalizada aqui, entender que a vênus revoltada, indisposta e, principalmente, confrontada, é essa também. parte de mim prefere acreditar numa infantilidade emocional; mas outra parte opta por defini-la como fria, egoísta, distante e manipuladora.

e agora? o que fazer das esperanças de uma relação? como não contaminar os outros com esse resquício de veneno que ainda está dentro de mim? como

acreditar que outras experiências vão acontecer, que o problema não está aqui, que não tinha mais o que ser feito desse lado de cá?

a vênus em escorpião é única. é transformadora em todos os sentidos da palavra. te consome de paixão ao máximo, te aprisiona de frustração até o último minuto.

me disseram uma vez que existem pessoas que entram na nossa vida só pra gente aprender a deixar ir. talvez seja esse o caso da vênus: rápida como um cometa, misteriosa como a madrugada, abrupta como algo arrancado à força.



Revista Pernambuco, a literatura em suas pluralidades

Marina Dias

A literatura tem o incrível poder de se encaixar em diversos ambientes, ela é grande, mas também pequena, ela é humorística, mas também séria, ela é delicada, mas também avassaladora, por isso, é complicado ser uma revista produzida pela Cepe, que tem o Governo do Estado como acionista majoritário, a existência e excelência da Pernambuco é uma prova viva do que instituições públicas podem e conseguem promover, em relação a cultura, não apenas em um estado - Algo que já é admirável -, mas por todo o país. A tarefa de designar uma palavra apenas para defini-la, uma

palavra que não seja algo como versátil, múltipla ou diversa.

Assim sendo, uma maneira de abordar a literatura, mas sem limitá-la, é falar de diversos modos, por múltiplas pessoas, explorando sua versatilidade, e um excelente exemplo de tal prática é a revista literária Pernambuco.

A revista Pernambuco, de início, era um jornal, e no final do ano de 2023, migrou para a modalidade revista, mas desde o início foi um veículo para disseminação da literatura que deixou um pouco de lado a escrita mais formal e agora se dedica mais ao texto literá-

rio e jornalístico, fortalecendo o uso de imagens, obviamente sem abandonar a seriedade, é uma mistura divertida, agradável e, assim, envolvente. Um ponto importante a ser citado é que a revista é produzida pela Cepe (Companhia Editora Pernambuco), responsável pela publicação de comunicados oficiais de interesse público, por meio do Diário Oficial do Estado, são mais de cinquenta anos produzindo materiais de altíssima qualidade, não só para o estado, mas para o todo país, sendo referência em aspectos gráficos e textuais.

Uma edição memorável de antes da mudança é a de número 183, ela tem como temática principal a obra de Ana Martins Marques, uma poeta mineira, que na época estava lançando seu livro “Risque essa palavra”. Na edição, há textos do crítico literário e professor, Victor de Rosa, e da poeta, tradutora e fotógrafa, Adelaide. Ambos discorreram acerca da vida e da obra de Ana Martins Marques, trazendo relatos de suas análises, em conjunto de relatos da própria Ana. Além disso, a edição, lançada em 2021, contou com temáticas dentro da agroecologia, de romances brasileiros

antigos, informações científicas em formato de narrativa, entre outros muitos que juntos formaram uma edição diversa, múltipla e versátil.

Em realidades mais recentes, a primeira edição da revista Pernambuco foi lançada em dezembro de 2023, com o tema do dossiê sendo o poema “Uma Temporada no Inferno”, de Arthur Rimbaud (1854-1891), e, na capa, os quarenta anos do espetáculo “Baile do Menino Deus”. Atualmente, a revista está na edição nº13, abordando os mais variados temas, sempre cumprindo com o papel de ser aquilo que se autodenomina: uma revista de literatura, do livro e da leitura. A aquisição das edições podem ser feitas pelo site da revista, através de assinaturas ou compras avulsas, sendo disponíveis em diversas bancas físicas também, além de possuir muito conteúdo *online* no site.

O trabalho de toda a equipe é impecável, com escolhas certeiras de temas, autores e cores, que ao longo das páginas, para além dos incríveis conteúdos literários, nos convida a conhecer outros projetos da Cepe, como a livraria, que

forma o todo que nos motiva em todas as edições a conhecer os aspectos múltiplos, versáteis e diversos da literatura.

Referências:

CEPE. Capa da edição n° 183 – Maio/2021: **A vida submarina de Aba Martins Marques**. Disponível em: https://livraria.cepe.com.br/image/cache/catalog/%20CONT%202021/capa_MAIO2021_face-760x1024x3.png.

REVISTA PERNAMBUCO. Capa da edição n° 00 – Dezembro/2023: **Baile do Menino Deus: Os 40 anos do espetáculo**. Disponível em: <https://www.pernambucorevista.com.br/edicoes-anteriores>.

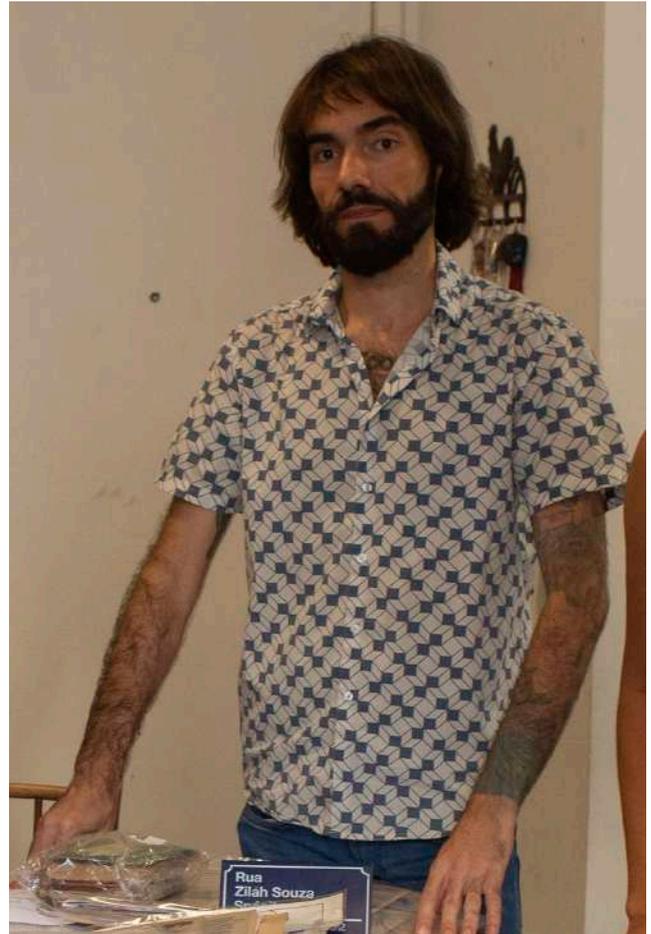


ENTRE

COM

VISTA

MÁRIO



MÁRIO VINÍCIUS DESIGNER DE TIPOS-DESIGNER

Na interseção entre palavra e imagem

Redação da Editar

O designer e pesquisador Mário Vinícius, professor no curso de Letras do Cefet-MG, tem uma larga experiência profissional na tipografia, na produção e no design editorial. Apaixonado por livros desde a infância, nessa entrevista ele conta como se profissionalizou, reflete sobre metalinguagem na criação tipográfica, sobre projetos gráficos e muito mais.

Como e quando surgiu a sua paixão por tipos, por tipografia?

Surgiu quando eu era pequeno, eu tinha três anos e o meu brinquedo preferido foi um daqueles quadros magnéticos que tinha um tanto de letras. Eu ficava horas brincando com as letras, que eram sólidas, tridimensionais. Mais tarde, eu fazia muita história em quadrinhos, fazia os livrinhos, ia para a porta de casa e vendia para quem passava. Sempre gostei muito de ler livros. Mas o que foi determinante para a minha escolha profissional foi fazer fanzine de música; eu tinha uns 19 anos e fazia de forma muito intuitiva, diagramava no computador com o Word, imprimia toscamente, fazia a imposição das páginas manualmente, improvisava um grampeador que conseguisse chegar até o meio da lombada. Fui gostando de fazer essas coisas e decidi me matricular na faculdade de Design.

Como é atuar na produção de uma revista como um professor de design, auxiliando as práticas de estudantes que, em sua maioria, nunca editaram um periódico? É muito diferente de trabalhar como profissional de design editorial?

É diferente, mas eu acho que é complementar também. É um prazer dar aula para quem nunca mexeu com isso e é muita responsabilidade também. Essas três frentes da minha atuação profissional – ensino, pesquisa e criação, se complementam muito bem. A pesquisa sobre revistas para a tese de doutorado foi importante para eu ampliar meu repertório de publicação de arte visual, para não falar de outras coisas que eu gosto demais, como a política. A pesquisa me possibilitou conhecer muita coisa de política, da sociedade, da cultura. E isso tudo é muito importante para o trabalho como designer e como professor também. Como professor, uma coisa que é maravilhosa de conciliar com o design é o fato de você estar exposto a muitas ideias de gente mais nova, de gente diferente. Isso alimenta muito minha prática, mesmo com a pesquisa. O design editorial já é uma coisa um pouco diferente, porque a gente lida com o cliente e não vou dizer que dá para a gente fazer tudo do jeito que a gente quer, somente como a gente quer; às vezes dá raiva, às vezes é bom, o diálogo é legal, mas nem sempre é, não vou romantizar. Como professor, não dá para impor que vocês façam as coisas do jeito que pessoalmente eu prefiro. A

gente tem de apresentar as ferramentas, disponibilizar, dar o máximo de autonomia.

Você disse que as duas práticas se complementam. Sempre foi assim, sempre caminharam juntas?

Não, nem sempre caminharam juntas. Foi terminando o mestrado que eu comecei a ter essa ideia, antes eu não pensava muito em docência. Mas cruzei com pessoas, professores muito legais na minha formação, na graduação e na pós. Tive sorte com quem me orientou no TCC e nos estágios que eu fiz durante a graduação. E tive sorte também com quem não orientou, mas me deu aula. Tive muitos bons encontros, e eu acho que isso foi fazendo surgir aquela vontade de tentar fazer mais ou menos parecido: quem sabe posso ser também um encontro feliz na trajetória da vida das pessoas.

“A tensão entre a palavra e a imagem me interessa muito.”

Essa edição da Editar tem como temas metalinguagem e intertextualidade.

Como essas temáticas entram no design de tipos?

Ah, podem entrar e muito! Eu acho que o design de tipos já é muito metalinguístico. A gente fala português, usa o alfabeto latino, mas a gente esquece desses temas que não são letras exatamente, são outras coisas, mas são desenhos também. Por mais que veiculem sentidos verbais, já têm uma relação próxima de linguagens diferentes, que estão consolidadas num código. Com certeza, para ler a gente precisa mesmo esquecer disso, senão a gente fica prestando atenção só no desenho e a leitura não avança. Eu não consigo ler, por exemplo, livros que eu já fiz o design, ou que usam o tipo que eu criei. Eu não consigo ler depois, porque eu fico só vendo o desenho, o meu próprio desenho, avaliando que aqui ou ali poderia ter sido melhor. Por sorte, quando isso acontece, eu já tive de ler o livro antes, para fazer o projeto. Mas para além disso, dependendo do projeto tipográfico de fonte, pode ser mais abertamente metalinguístico do que isso que eu estou falando. Eu acho que no caso de literatura, poesia, o Brasil é um país que tem uma tradição muito grande de poesia visual, poesia concreta, que nem sempre

vai ser necessariamente tipográfica; às vezes envolve imagens de outra natureza, mas muitas vezes envolve também pegar a letra e dar um tratamento que além de verbal, seja visual. Isso pode ser feito inclusive com fontes que nem são tão metalinguísticas assim. Mas essa interseção palavra e imagem, é uma coisa que me interessa muito e acho que é possível tanto usando tipos dos mais variados, não pensados, mas é possível também, num design de tipo, já pensar num uso que vai potencializar o aspecto visual das letras. Aí podem ser letras que envolvam outros tipos de desenho, o que tem uma tradição muito grande em várias culturas. Na chamada cultura ocidental, existem manuscritos, livros impressos antigos, que tinham aquelas iniciais muitas vezes com decorações, com desenhos, às vezes desenhos até que têm a ver com o capítulo que está começando. São trabalhos incríveis, super detalhistas. Tem aqueles poemas que são figurativos e, ao mesmo tempo, a disposição das palavras formando uma imagem. Há muitos exemplos e, realmente, um dos pontos centrais do meu interesse é essa tensão entre palavra e imagem.

Como o designer pode influenciar na

continuação de uma leitura, do interesse do leitor, da legibilidade e do entendimento do tema em um periódico?

Dá para abordar tudo isso a partir de várias frentes. A gente pode pensar do ponto de vista totalmente funcional, pensar no conforto da leitura. Já tem muitos estudos sobre como é o processo da leitura. Se você faz linhas muito grandes, isso pode, com a leitura contínua, dar um desconforto, e às vezes a pessoa pode até desistir do texto, mesmo que ele seja excelente, muito bem escrito, acaba gerando um cansaço. A escolha de papel é outra coisa que o designer gráfico vai fazer em um projeto. Se você pensa em um livro muito grande, com um papel muito branco, que reflete muito a luz, isso também pode, com o tempo, causar um cansaço. Juntando as duas coisas, um papel couchê muito branco, dependendo do tipo de impressão, se você escolhe uma fonte que é muito fininha, ela já vai ficar um pouco mais magra, já vai perder um pouco da definição no papel couchê; se ele for muito branco, vai gerar um desconforto. Então tem todas essas questões de legibilidade e leiturabilidade, que ajudam a manter o conforto, o en-

tendimento e o interesse – o que também é uma medida.

Mas eu acho que o interesse pela leitura de um periódico vai muito além dessas coisas: não é apenas uma questão de ser funcional. A questão da atratividade do projeto gráfico também ajuda a despertar e a manter o interesse. A pessoa pode começar uma leitura e desistir; às vezes desistir faz parte da vida, às vezes é um texto ruim, que não vai acrescentar. Mas, como profissionais, a gente se esforça para que o design, a edição, o projeto gráfico despertem e mantenham o interesse, não somente por causa da manejabilidade. O interesse vai muito além da capa. Nem tudo tem que ser ilustrado, às vezes não comporta, mas dá para um livro, uma revista ser super interessante visualmente; mesmo que não tenha ilustrações ou imagens, que tenha uma diagramação com alguns pontos pouco convencionais, mas bem realizados.

“O interesse pela leitura vai muito além da funcionalidade do design.”

Quais são as especificidades do proces-

so de edição de revistas, de acordo com a periodicidade e o gênero?

Num veículo de periodicidade mais curta, como uma revista semanal, a execução do projeto gráfico é mais corrida, então, é bom que o projeto esteja bem amarradinho e quem for executar esteja bastante alinhado sobre como fazer. Um periódico que sai de pouco em pouco tempo sempre pode ter coisas imprevisíveis. É interessante que o projeto dê também uma margem de liberdade para poder improvisar. A questão do gênero do periódico – se é acadêmico, se é mais informativo, se é mais cultural – também vai gerar diferenças possíveis de tratamento. As revistas acadêmicas e científicas, no geral, são muito chatas do ponto de vista gráfico. Acho que isso vem de um pensamento de que o visual entediante transmite seriedade. Tem muitas revistas acadêmicas que desviam do que eu estou falando. Mas tem umas bem avançadas, com textos maravilhosos, de pessoas incríveis na área, que poderiam ser um pouco mais interessantes do ponto de vista gráfico e visual. Já as revistas de arte, arquitetura, design, geralmente são as mais interessantes, porque acabam sendo também um laboratório em si mesmas, assim

como algumas revistas literárias. No campo das informativas é que dá para fazer muito mais. A Carta Capital, em relação ao projeto gráfico, com certeza é uma das mais interessantes, dentre as de tiragem e de circulação maior. Além do visual, tem todas as outras coisas que a gente precisa ver e tudo concatenado na edição.

Que outras coisas?

A edição é uma grande concatenação, é uma concertação. Tem muitas vozes, as que estão mais voltadas para o texto, as que estão mais voltadas para a visualidade, aquelas mais voltadas para o aspecto pragmático da distribuição, da venda. Por isso que eu gosto tanto, porque não existe edição pura. Nem deveria, porque são várias coisas, não tem como ser diferente. Pode até ser uma pessoa que faz isso tudo, mas são várias tarefas que essa pessoa única vai fazer. Quando no concerto está todo mundo bem, indo na mesma direção, enfim, eu acho que todo mundo sai ganhando. O texto, a imagem, o projeto gráfico, a revisão e, principalmente, quem for ler.

Quais revistas você pode indicar sobre design de tipos gráficos?

No Brasil, tem uma revista que já tem bastante tempo, a Tupigrafia, tem um pessoal das antigas. Cláudio Rocha é um dos nomes à frente, um dos precursores do design de fonte digital no país. A revista é bastante importante e continua saindo, só não tem mais uma periodicidade regular. Os números são super bem acabados, é uma revista que não tem um projeto gráfico fixo, porque vai acompanhando também as discussões; às vezes tem um número especial, então o projeto fica mais condizente com o que está sendo discutido nele. O design de tipo tem mais em países como Suíça e Alemanha, que têm uma tradição muito forte nessa área. Mas se for recomendar uma brasileira, sem sombra de dúvida vai ser a Tupigrafia.

“Um projeto gráfico não pode subestimar o público.”

Como se faz um projeto gráfico e cria conteúdo para uma revista cujo público não é homogêneo? Por exemplo, uma revista de circulação nacional que pode atingir pessoas de diferentes faixas etárias e classes sociais?

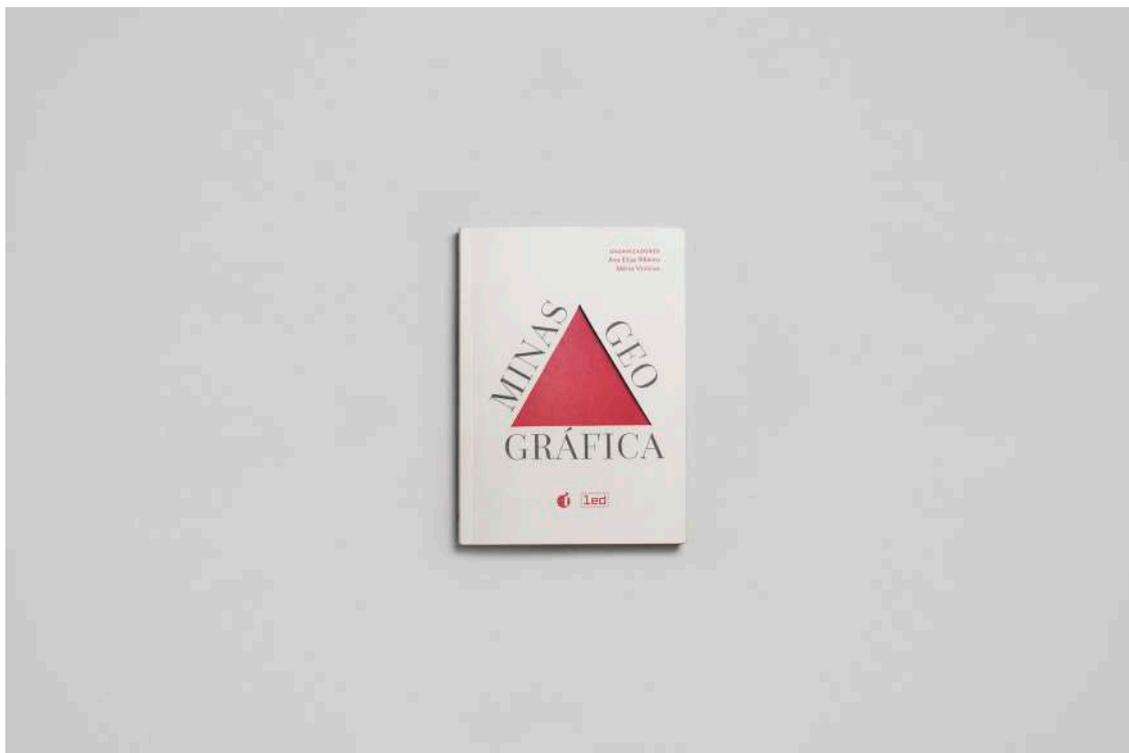
Olha, eu acho que um dos primeiros

pensamentos deveria ser não subestimar o público. Infelizmente não é o que sempre acontece. Quando é um público muito grande, heterogêneo, então a mentalidade é de usar o mínimo denominador comum. Acho que a gente tem é que superestimar o público, a gente pode apresentar coisas que às vezes não vão ter uma repercussão, uma digestão e uma assimilação imediatas, mas se a gente também não apresenta essas coisas, como reclamar depois que o público não está à altura? Se não se apresentam coisas diferentes, coisas novas, como

é que vai conhecer para chegar nesse ponto? Tem também aquelas questões funcionais, claro, se é um público que envolve pessoas de várias idades, a gente tem que pensar nas pessoas com a idade mais avançada, a questão da visão de perto, por exemplo. Tem certas decisões de tamanho da letra e até da escolha tipográfica que são importantes nesse sentido.



ENTREVISTA COM MÁRIO VINÍCIUS FEITA POR EQUIPE EDITAR



EDIÇÃO MINAS GEO-GRÁFICA, MÁRIO VINÍCIUS RESPONSÁVEL PELO PROJETO GRÁFICO



Mário Vinícius
designer tipo / gráfico

LOGOTIPO DO SITE MÁRIO VINÍCIUS

TEEA





TROO



Antônio Edson e Paulo André em *O Visconde partido ao meio*. Foto de Guto Muniz (1999)

Partido: a página virada de Italo Calvino

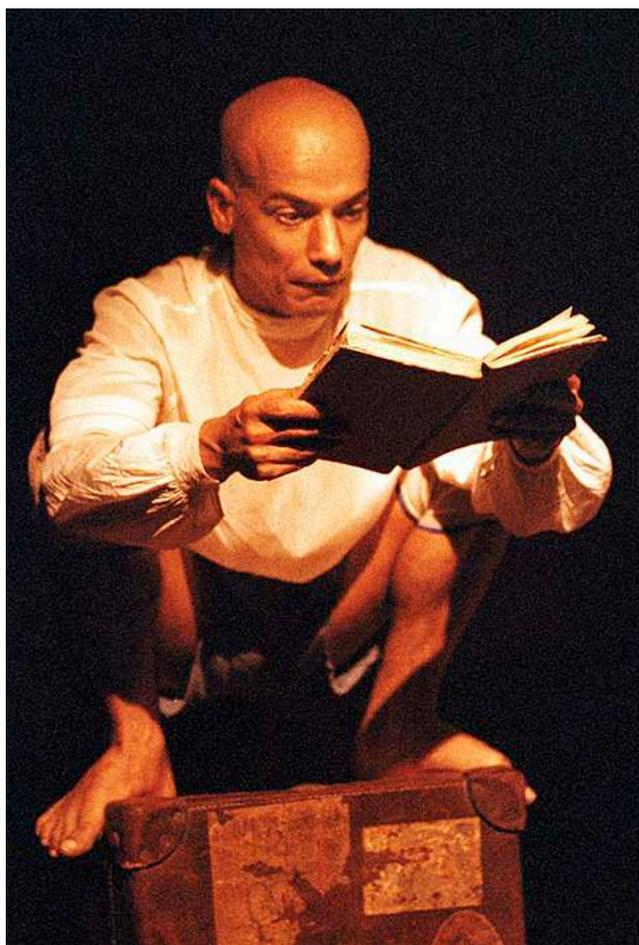
Cláudia Maia e Bruna Ferraz

O visconde partido ao meio teve seu título literalmente cortado quando traduzido para o teatro em *Partido*, montagem do grupo Galpão lançada em 1999. O espetáculo nasceu de um encontro feliz e intenso entre o grupo *esso isso* de

mineiro e o diretor Cacá Carvalho. Foram ao todo cem apresentações em sete cidades, incluindo uma fora do país – Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro, Florianópolis, Santo André, Porto Alegre e Caracas –, que alcançaram um número de 27.492 espectadores. O proc-

criação de Partido é apresentado com riqueza de detalhes no Diário de montagem do espetáculo Partido (2014), assinado por Cacá Brandão, responsável pela dramaturgia e pelos textos da peça, que foi publicada em livro em 2007 pela editora Autêntica.

A tradução da narrativa de Calvino para o teatro é marcada pelo acréscimo de dois objetos que acabam se transformando em verdadeiros personagens: o livro e a mala.



Antônio Edson interpreta o Menino, com livro e mala como elementos-chave. Foto de Guto Muniz (1999)

O livro que o menino carrega na cabeça quase todo o tempo da peça e as diversas malas que os outros personagens arrastam pelo palco, “verdadeiros nichos em que cada ator levava para a cena sua própria ascendência, com fotos e objetos dos antepassados e que constituíam uma espécie de tesouro e fardo pessoal que cada um carregava durante todo o espetáculo” (Moreira, 2010, p. 103). O objeto livro e suas páginas multiplicadas no palco e na voz do menino lembram a todo tempo o processo de criação do grupo, ressaltando o trabalho com a metalinguagem, caro também a Calvino.

As malas, por sua vez, não deixam esquecer a máxima que norteou a direção de Cacá Carvalho:

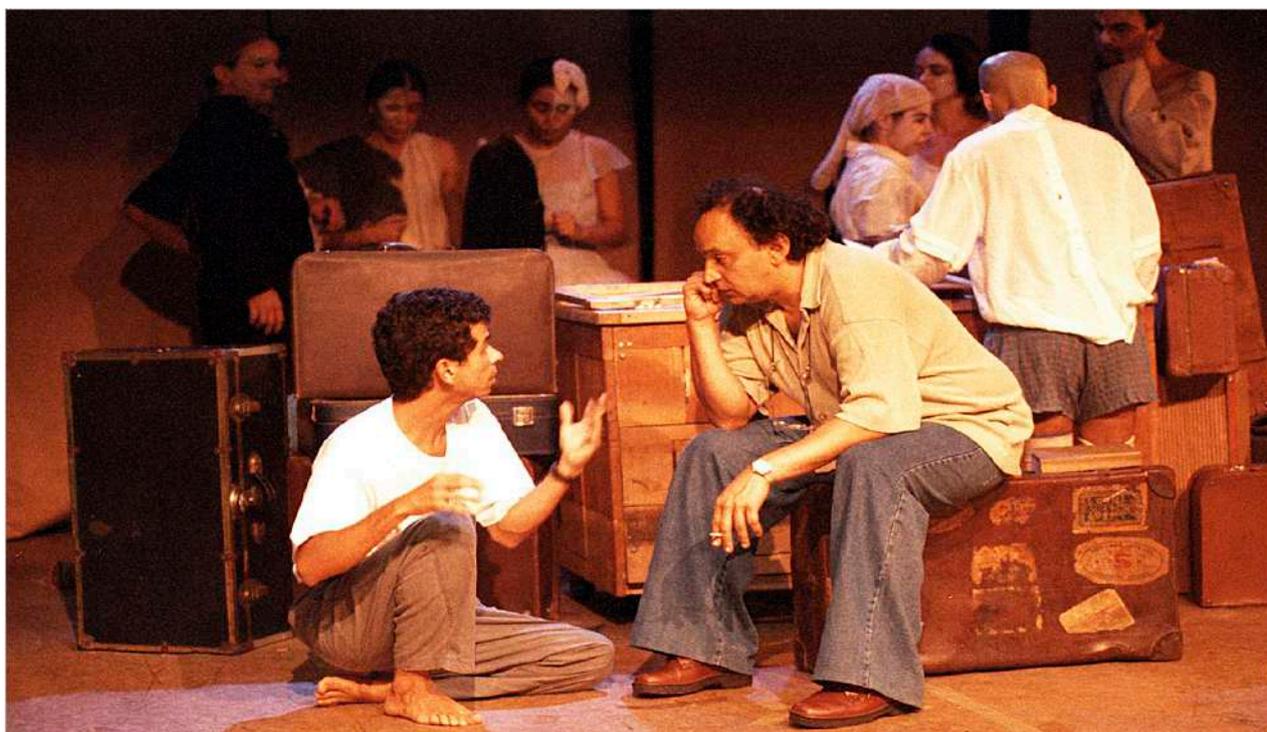
“a imersão no pessoal”

intimidade de cada um levada à cena para a construção dos personagens e de si mesmos, enquanto seres partidos e multiplicados

O espetáculo Partido se vale, portanto, da duplicidade dos atores, que representam dois personagens, e dos objetos que compõem o cenário como uma forma de garantir a saída da limitação de uma representação fiel ao original, ressaltando

a própria ambiguidade e a ironia como características essenciais por enfatizar tanto uma postura de interrogação e de busca quanto o duplo sentido e a polissemia das coisas.

e da vida. “O senhor é branco como uma folha de papel” (Calvino, 2007, p. 19), diz o menino a Medardo, que lhe responde: “Entre a realidade e o sonho não há mais que a espessura de uma folha de papel. Viemos deste livro como você



Direção de Cacá Carvalho, com elenco do Galpão. Foto de Guto Muniz (1999)

Em Partido, o menino, além de narrador da história, é também escudeiro do visconde, que o convida a partir e a acompanhá-lo aos campos de batalha. O verbo partir é explorado em toda sua polissemia, assim como o objeto livro se desdobra em várias metáforas. Partir é também sair do livro, abandonar a leitura por um momento, “virar a página” e se arriscar no imprevisível da guerra

quis. E você, veio de onde?” (Calvino, 2007, p. 19). O menino ora lê, ora carrega o livro na cabeça, e vai narrando a história do visconde e também a sua, na tentativa de encontrar o que lhe falta e, às vezes, desistindo por alguns momentos da leitura, por medo de enfrentar a realidade de sua história de solidão ou de simplesmente se deparar com o perigo

da guerra que decidiu encarar. O livro, portanto, é vida e morte.

Do texto para o palco, houve um trabalho de transformação e renovação, que permitiu ao grupo Galpão, após o encontro com Calvino, ir além dele, em alguma medida romper com ele, recordando que, para o espetáculo funcionar, é necessário partir, ir embora, “virar a página” e novas palavras procurar: palavras que se adequassem ao público brasileiro, palavras que representassem os anseios e as histórias dos atores, palavras que refletissem a cor e o tom do Galpão. Por isso, o grupo rompe com a quarta parede fazendo com que o espectador tome o seu lugar na peça e se reconheça também partido, fragmentado, incompleto:

Vem te encontrar

Partido ao meio

Tuas palavras vem procurar

Vem te recordar

Partir

Teu rosto é nuvem

Se desmancha no ar

E o tempo é um rio que

Não podes deter, vem

(Calvino, 2007, p. 18).

Se o espetáculo não precisa ser igual ao livro, nem o menino igual ao visconde e tampouco o espectador igual ao autor, é porque “a página precisa ser virada para que a fábula prossiga” (Calvino, 2007, p. 22).

Referências:

CALVINO, I. **Partido. Adaptação e dramaturgia** por Cacá Brandão. Belo Horizonte: **Autêntica**: PUC Minas, 2007.

MOREIRA, E. **Cacá Carvalho e um teatro partido ao meio**. In: MOREIRA, Eduardo. *Grupo Galpão: uma história de encontros*. Belo Horizonte: Duo Editorial, 2010. p. 98-105.

1 Trecho de artigo das professoras Bruna Fontes Ferraz e Claudia Cristina Maia, do eixo Estudos Literários do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). O artigo integral foi publicado em Eixo Roda, Belo Horizonte, v. 28, n. 3, p. 65-82, 2019.

Teatro no prelo

Patrícia Honório

A publicação de textos de teatro e sobre teatro ainda é restrita no meio editorial brasileiro. Duas editoras relativamente novas chegaram à cena com o objetivo de contribuir para ampliar a difusão. Uma terceira tem uma coleção importante de títulos de dramaturgia brasileira e estrangeira.

A Editora Javali (www.editorajavali.com), foi criada em Belo Horizonte, em 2015, e publica livros de teatro e cinema: dramaturgia, roteiro, teoria, tradução e memória. Em seu catálogo, há peças de dramaturgas premiadas como Grace Passô (*Vaga Carne*) e Dione Carlos (*Cárcere ou porque as mulheres viram búfalos*), de grupos conhecidos como o Galpão (*Nós*) e a Companhia de Teatro Acidental (*Trilogia dos Afetos Políticos*), além de ensaios como *Teatralidades-*

-aquilombamento: várias formas de pensar-ser-estar em cena e no mundo, de Soraya Martins.

A paulista Temporal, nasceu em 2018, do desejo de sua editora, Florence Curimbaba, de publicar obras da dramaturgia contemporânea – a partir dos anos de 1970. Há textos inéditos ou reedições de títulos esgotados e “cada volume inclui textos e anexos para auxiliar o leitor interessado em aprofundar o seu conhecimento sobre o sentido histórico da obra”, registra o seu site. Um dos lançamentos mais recentes é *Drama para negros e prólogo para brancos*, uma belíssima reedição de nove textos do Teatro Experimental do Negro, organizados por Abdias do Nascimento, em 1961. O catálogo da editora traz ainda obras premiadas de Oduvaldo Vianna

Filho, Marguerite Duras e Eugène Ionesco, entre outros dramaturgos.

Ainda que não seja especializada em artes cênicas, a Cobogó tem a Coleção Dramaturgia, que publica, desde 2012, textos da dramaturgia nacional e internacional. Segundo a editora, o objetivo é colaborar “com o debate e a construção da memória do teatro do nosso tempo”. Já tem mais de 100 títulos publicados, entre eles, diversas peças premiadas. Entre os autores internacionais, estão Rainer Fassbinder e Samuel Beckett. Difícil é destacar alguns dos muitos títulos nacionais, mas para dar um gostinho do banquete disponível, citamos: *Preto*, de Márcio Abreu, Grace Passô e Nadja Naira, *Sísifo*, de Gregório Duvivier e Vinícius Calderoni, *O Debate*, de Jorge Furtado e Guel Arraes, além do finalista do Jabuti 2024, *Crucial Dois Um*, de Paulo Scott.



Adaptação do Grupo Galpão em 2011, com Antônio Edson como Uânia.

De volta aos velhos hábitos: comentários sobre Tio Uânia (Tchécov)

Ise Moraes

“Cada dia é menor o número de florestas, há enchentes e secas em toda parte, espécies animais são exterminadas, o clima se torna hostil ao homem, e a terra, mais triste, pobre, feia”.

- Mikhail Lvovitch Astrov

Ao começar a ler *Tio Vânia*, do célebre escritor russo, Anton Tchécov, a primeira impressão que se tem é a de que os personagens são um bando de idosos (ou quase), extremamente insatisfeitos com o que fizeram durante a vida. Que povi-nho amargurado! Sônia sofre de amor platônico por Astrov, que, por sua vez, é completamente apaixonado por Helena; e esta, bom, esta é fiel ao rabugento que ama suas doenças, Serebriakov. Vânia é amargurado porque dedicou sua vida ao trabalho de outra pessoa e, convenhamos, tem um ego daqueles; que figura

pretensiosa! Bexiga perdeu todas as suas posses e não reclama tanto! Mas, vencida a primeira impressão das personagens, podemos alcançar sentidos mais profundos.

Os personagens estão todos contagiados pela preguiça de Helena, que se recusa a fazer qualquer atividade além de ostentar sua beleza de um lado para o outro. E nisso, Tchécov mantém sua mensagem atual mesmo quase 150 anos depois da encenação. Ou você, você mesmo, aí do outro lado deste texto, provavelmente na tela de um celular, nunca se sentiu



Elenco de *Tio Vânia* (Aos que vierem depois de nós) em cena.

preso em um looping de improdutividade depois de passar horas rolando o feed do Tik Tok ou do Instagram? Tirem as mãos de Helena, bando de Astrov!

Tempos difíceis, onde o mundo todo, em especial o sul global, sofre com as consequências de centenas de anos de trato descuidado com a natureza. Astrov



Adaptação da Broadway em (2024), com Steve Carrell e Alison Pill.

Quando o assunto são os ideais ecológicos de Astrov, mais uma vez *Tio Vânia* se demonstra uma fonte atualíssima! O início de 2025 foi marcado por intensas chuvas em Minas Gerais, Sergipe, Paraíba e em pelo menos outros 13 estados brasileiros. No Centro-Oeste, as temperaturas foram às alturas e na Bahia os cientistas encontraram a primeira região de clima árido do Brasil.

estava certo em questionar se as nossas gerações teriam com eles algum sentimento de gratidão... E, bom, não acho que temos. Mas ainda há tempo de nos fazer a mesma pergunta e lutar para que nossos filhos e netos tenham um planeta para viver.

Tio Vânia termina com Helena e Serebriakov indo embora e os outros perso-

nagens retornando a suas funções do dia a dia. Como em um ciclo. Considero que devemos fazer o mesmo, não em nome de uma nostalgia a um tempo passado, mas como tentativa de retornar à normalidade do nosso ser, como integrantes de um ecossistema. Há quem se recuse a lembrar, mas nós também somos animais, também somos a natureza que destruímos.

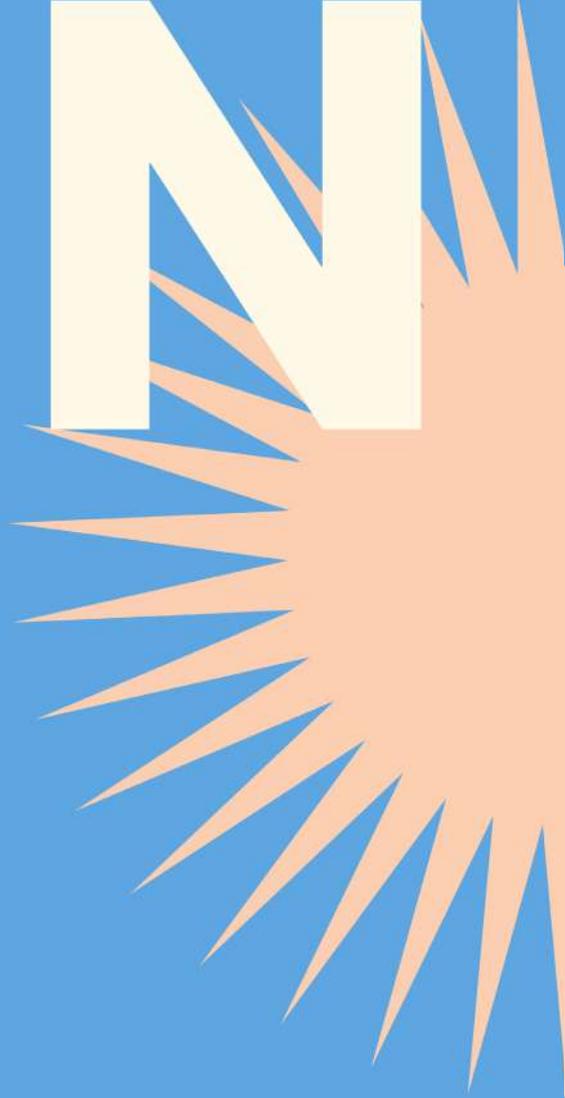
ME100

CC

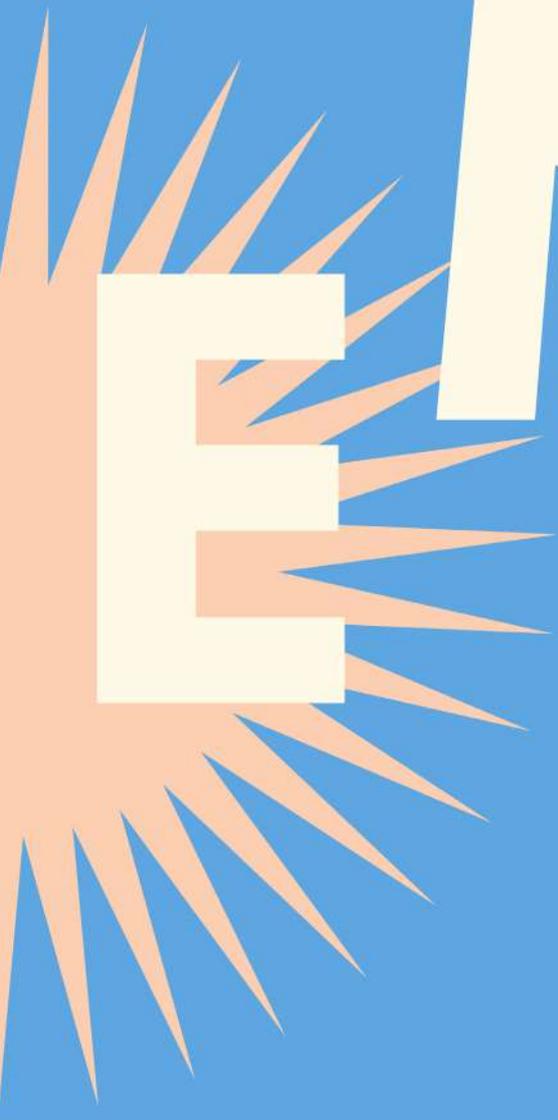
8B

CC

CIN



FEMA



ME100



CC



8B

CC



Cidadão Kane no esgoto: Saneamento Básico e o esquecimento no cinema nacional

Patrícia Honório, colaboração de Mariana Amaral

A cineasta Gabriela Barbosa reflete sobre o diálogo metalinguístico, as adaptações, a recepção do público, sucessos e fracassos nas telas.



Ainda estou aqui recebeu três indicações ao Oscar de (2025).

Em uma pequena vila localizada na serra gaúcha, jovens idealistas lutam pelo tratamento do esgoto, mas o único recurso que conseguem é uma verba do governo federal para a produção de um vídeo de ficção. Eles decidem usá-la para realizar um filme sobre um monstro que vive nas obras de construção de uma fossa, com a esperança de, assim, conseguir realizar o saneamento tão necessário.

Esse é *Saneamento Básico, o Filme*, que mostra os desafios enfrentados por quem faz cinema com poucos recursos. Pura metalinguagem: um filme sobre fazer um filme. Dirigido e roteirizado por Jorge Furtado, em 2007, e protagonizado por Fernanda Torres, Camila Pitanga, Wagner Moura, Lázaro Ramos, Bruno Garcia e Paulo José, tem um elenco de primeira linha e um tema de fundo muito atual e necessário – saúde e meio ambiente.

No entanto, essa produção é desconhecida pela maioria da população brasileira, reflete Gabi Barbosa, 29 anos, cineasta e graduanda em Letras no Cefet-MG. “É um filme maravilhoso, muito

divertido, com um elenco incrível”, recomenda, destacando que o cinema brasileiro tem muitos filmes bons que, além do uso da metalinguagem, dialogam com outras artes, como o recente *Ainda estou aqui* (de 2024, dirigido por Walter Salles) e *O que é isso, companheiro?* (de 1997, dirigido por Bruno Barreto).

Essas duas obras abordam o período da Ditadura Militar no Brasil e são adaptações de textos literários: a primeira, do escritor Marcelo Rubens Paiva e a segunda, do jornalista Fernando Gabeira. Ambas contam com Fernanda Torres e Selton Mello no elenco. *Ainda estou aqui* fez um estrondoso sucesso internacional enquanto *O que é isso, companheiro?* está esquecido na prateleira nacional. O que explica isso? Na opinião de Gabriela, não se pode prever como será a recepção de um trabalho.

“O público às vezes apaga uma obra, mas também pode consagrá-la.”

“A gente nunca sabe qual vai ser a hora certa para uma determinada história,



Saneamento Básico contou com elenco de peso.

mas não acho que as pessoas deveriam se privar de escrever por isso. Posso falar por mim. Por eu não ter tido uma boa relação com meu filme, ficando muito ansiosa com a reação das pessoas, talvez por imaturidade, porque era muito nova, deixei de circular mais com ele e também deixei de escrever roteiros por muito tempo. Eu me arrependo e fico pensando o quanto perdi”, comenta Gabi, concluindo:

“A gente não sabe qual vai ser a hora de fazer o nosso Cidadão Kane.”

O filme ao qual ela se refere é o curta-metragem *Essa cela que é minha* (2017), que roteirizou, dirigiu e apresentou como trabalho de conclusão do curso de Cinema e Audiovisual, no Centro Universitário UNA. Trata do sofrimento mental de uma mulher madura que não consegue lidar bem com o processo de envelhecimento. Quando fez o roteiro, sua orientadora alertou que aquele não era um filme para a sua geração.

Atualmente, a cineasta aprecia sua produção e lembra que o tema é o mesmo do aclamado *A Substância* (2024), que deu à Demi Moore o Globo de Ouro 2025 de Melhor Atriz em Filme de Comédia ou Musical. “Acho que dez anos atrás *A Substância* não teria a mesma potência que teve agora”, diz Gabi, refletindo sobre como a recepção do público e os contextos sociais e políticos impactam a relevância de uma obra.

“A arte é visceral e atravessa as pessoas de forma profunda”.

A produção cinematográfica é também permeada de intertextualidades, recurso que toma como referência uma linguagem anterior, como outro filme, livro, música ou outro tipo de arte. Essa é uma estratégia que também pode ser determinante para que um filme seja bem ou malsucedido. Para Gabi, um bom exemplo é o musical *Os guarda-chuvas do amor*, dirigido pelo francês Jacques Demy e lançado em 1964. “Não é só a música que é magistral, mas é toda uma estética das cores, dos objetos, que faz com que o espectador entre no filme”, explica. Não é à toa que até hoje ele é citado como referência para filmes de mesmo gênero, como *La La Land* e *Barbie*.

Apesar de nunca ter trabalhado na adaptação de um texto literário, ela conhece bem o métier e afirma que é importante o diálogo entre roteirista e o autor ou autora para a compreensão do que é primordial na obra. “Não vai caber tudo em duas horas, então tem que selecionar mesmo. E essa escolha parte,

às vezes, do que o autor considera muito precioso ou do que o diretor considerava mais importante, ou ainda do que os produtores querem e aí vem também a lógica do mercado”, afirma a cineasta.

Numa adaptação, ela explica que o processo é fazer a seleção do que não pode faltar e decidir como preencher as lacunas. Pode ser uma elipse, uma passagem de tempo, um salto. No final, é uma costura muito semelhante ao processo de editar uma revista.



Uma Thurman como a Noiva em Kill Bill Vol. 1 (2003).

KILL BILL: entre a lâmina e a lente

Davi Mouramad

Uma assassina implacável, reconhecida por sua habilidade com facas, é traída por seu antigo chefe e amante durante o ensaio de seu casamento. A personagem conhecida apenas como a Noiva, é brutalmente espancada e leva um tiro na cabeça — tudo isso grávida de seu

próprio algoz, Bill. A Noiva passa então os próximos quatro anos em coma profundo, quando desperta dos (dados como) mortos para exercer sua vingança. Uma vingança fria, calculada e, principalmente, sangrenta. Este é o tema de um dos maiores clássicos cults das últi-

mas duas décadas, dirigido por Quentin Tarantino.

Kill Bill (2003) é protagonizado por uma velha conhecida do diretor, Uma Thurman, que já havia estrelado Pulp Fiction (1994), o filme responsável por consolidar sua carreira e tido por muitos como sua obra magna. Além de Thurman, que desenvolveu ao lado de Quentin a personagem da Noiva, conta com outros nomes que já haviam passado por seus filmes, como Samuel L. Jackson (fazendo uma pontinha como Rufus, o pianista da igreja) e Michael Madsen, que

interpretou o personagem Vic Vega em Reservoir Dogs (1992), o primeiro grande filme do diretor.

A narrativa, contada de maneira não linear ao melhor estilo Tarantinesco, foi rodada como um filme único; no entanto, o corte com quase quatro horas de duração teve de ser dividido em dois volumes. A nomenclatura “volume” não é por acaso. Tarantino é um amante de revistas em quadrinhos, especialmente as chamadas Pulp, histórias de mistério, terror, ficção científica, etc. impressas em papel barato, extraído da polpa de



Quentin Tarantino e Uma Thurman conversando nas filmagens.

celulose. Assim como essas revistas, a obra de maior orçamento do diretor até então — cerca de US\$30 milhões — é contada em dez capítulos divididos entre os dois volumes, cada um com cinco.

A divisão em duas partes, nas palavras do diretor, custou indicações a prêmios.

tei reduzi-lo para três ou duas horas e meia. Todas as cenas que poderiam ser cortadas, entretanto, dão ao filme o seu peso, a sua ressonância.” Cada filme foi indicado ao Globo de Ouro, mas não chegaram a ser indicados ao Oscar.

Alternando entre a Noiva deixando um



O confronto entre a Noiva e O-Ren Ishii.

Em entrevista à BBC na ocasião do lançamento do segundo volume, o diretor relata: “Acho que teria ganho muito mais prêmios se o filme tivesse sido um épico gigante.” E acrescenta: “Ten-

rastrado de sangue por onde passa e flashbacks de sua vida anterior ao evento que ficou conhecido como “O Massacre em Two Pines”, o longa conta com algumas das sequências mais icônicas do cine-

ma, como o confronto entre a Noiva e O-Ren Ishii, uma das assassinas de Bill que participaram do massacre. O confronto entre as duas é marcado por uma luta da Noiva contra a gangue conhecida como “Os Loucos 88” (que não eram exatamente 88, é dito que o nome foi escolhido por sua sonoridade).

A cena mostra uma luta onde a Noiva derrota sozinha uma horda de capangas, munida apenas de sua espada confeccionada pelo lendário Hattori Hanzo — que havia jurado nunca mais fazer outra espada, mas quebra o seu juramento ao saber que sua lâmina seria usada para tirar a vida de Bill. Aqui temos um verdadeiro espetáculo de membros decepados e sangue falso em uma luta lindamente coreografada, com referências diversas como a *Samurai Fiction* (1998), de Hiroyuki Nakano, em sua famosa luta no escuro.

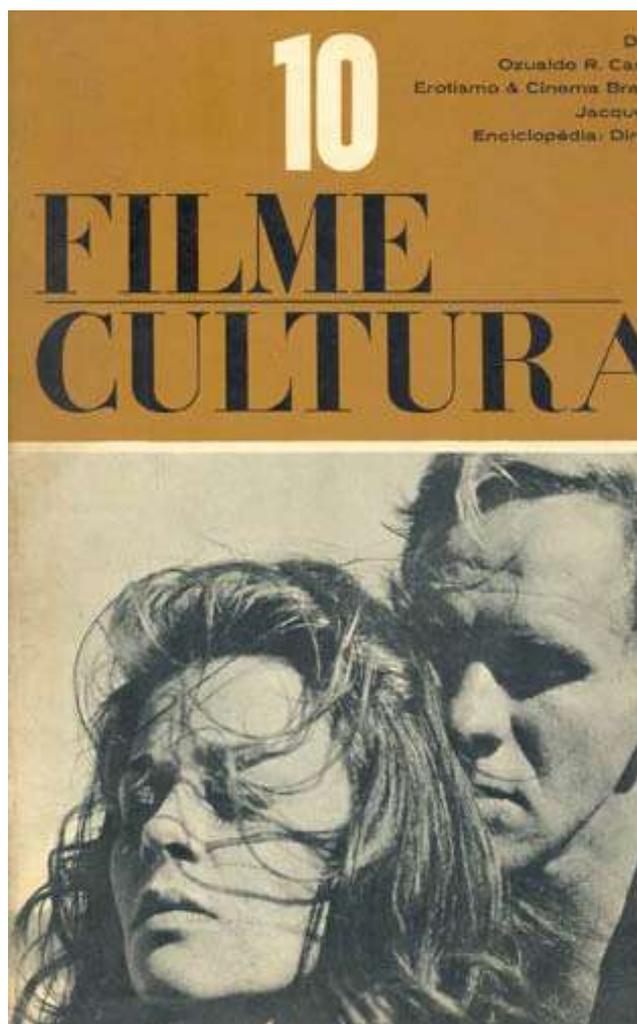
Kill Bill, muito mais do que a história de uma loirona com sede de sangue, é uma ode ao cinema B e aos filmes de kung fu, western spaghetti e blaxploitation que fizeram o imaginário do jovem Quentin Tarantino. Este mosaico de referências

culturais — que vão desde o mestre Pai Mei do folclore chinês até as trilhas de Ennio Morricone — sob a lente de Tarantino, não apenas reverencia suas inspirações, mas as reorganiza para transformá-las em algo novo. Este é o poder de um clássico: dialogar com o passado para construir o futuro.

Coluna Cinema: Revista nacionais sobre cinema

Gabriela Lima

O cinema é uma arte que transcende telas e salas de projeção, conectando pessoas por meio de histórias que emocionam, inspiram e provocam reflexões. Ele possui películas, sejam elas cinematográficas ou as que criam pequenas barreiras entre o espectador e o meio, prestes a se romper e criar novos imaginários. As revistas cinematográficas “Palco e Telas”, “Rebeca” e “Filme Cultura” são uma forma de entretenimento riquíssima para conhecer mais desta indústria e apurar o olhar do espectador, tornando-o um olhar “míssil”. Essas revistas são fontes proveitosas, já que reúnem trabalhos incríveis na área cinematográfica.



Capa da Filme Cultura (1968), com Norma Bengell e Jardel Filho.

Revista “Palco e Telas”: A revista, lançada no Rio de Janeiro, em 1918, foi pioneira na imprensa cultural brasileira e a primeira publicação dedicada ao cinema na América do Sul. Com edições de dezesseis a vinte páginas, a revista abordava astros do cinema mudo, acompanhava a transição para o cinema sonoro e discutia inovações tecnológicas da sétima arte. Também incluía análises

de teatro e outras tendências internacionais, conectando o público brasileiro ao mundo artístico. Apesar de sua breve trajetória, encerrada em 1921 após 178 edições, consolidou-se como um marco do jornalismo especializado em cinema e cultura brasileira.

Revista Rebeca: É um periódico semestral editado pela Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual (SOCINE). Destina-se à divulgação de estudos acadêmicos nas áreas de cinema e audiovisual, promovendo a reflexão crítica e o intercâmbio de ideias entre pesquisadores e profissionais do campo. Com acesso aberto e revisão por pares, a revista publica artigos que abrangem desde análises fílmicas até discussões teóricas sobre cultura audiovisual e estudos de mídia.

Revista Filme Cultura: É uma publicação brasileira dedicada à reflexão e à análise sobre o cinema, sendo considerada uma referência importante na história cultural do país. Criada em 1966, pelo Instituto Nacional de Cinema (INC), a revista foi relançada em diferentes momentos ao longo das décadas, consolidando-se como um espaço de discussão sobre a produção cinematográfica brasileira e

internacional. Com foco em análises críticas, ensaios, entrevistas e dossiês temáticos, a revista abrange aspectos históricos, estéticos e políticos do cinema, destacando tanto a filmografia nacional quanto os grandes movimentos e tendências do cinema mundial. Além disso, ela tem contribuído para preservar a memória e promover o debate sobre o papel do cinema na sociedade brasileira. A Revista Filme Cultura é amplamente reconhecida por seu impacto no meio acadêmico e entre cineastas, críticos e entusiastas da sétima arte, reforçando sua relevância como um marco na imprensa cultural especializada no Brasil.

Referências:

REVISTAS ANTIGAS (CLASSIC MAGAZINES) - **PALCOS E TELAS** (DE 1918 À 1921) - RIO DE JANEIRO. TV A LENHA E O VIAJANTE DO TEMPO, 2015.

SOCINE, Rebeca - **Revista Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual**. Rebeca, 2017.

Filme é Cultura. Banco de Conteúdos Culturais, [s.d.].

COELHO, Frederico. WALY SALOMÃO: **ENTRE O OLHO FÓSSIL E O OLHO MÍSSIL**. Issuu, [s.d.].

Tudo sobre o seu filme, **O QUE É PELÍCULA CINEMATOGRAFICA?**. Pipoca3d, 2015.

BIBLIOTECA NACIONAL. **Palco e Telas**, p. 13.

M&S
MUSIC







Joana Bentes fotografada por Quéli Unfer, em (2021).

Kintsugi

Joana Bentes

*já me quebrei em mil
em mim não habito mais
ser o olhar do fim
na vida uma linha*

*de quantos amores vim
alguns paraquedas sim
me atravessaram sonhos
onde pousamos*

*por um tempo em mim
em vários pedaços me vi
tantas partes de mim
no espaço*



Joana Bentes fotografada por Quéli Unfer, em (2021).

Kintsugi é uma técnica de restauração japonesa. Dentre tantas referências orientais que agregamos à nossa cultura, a arte de reparar peças de cerâmicas quebradas com ouro é, para além de um ofício, uma filosofia de vida. Seu convite às pessoas consiste em assumir algumas características inerentes ao ser humano, como a fragilidade, os defeitos, as cicatrizes - o que nem sempre é muito fácil.



Joana Bentes fotografada por Quéli Unfer, em (2021).

A vulnerabilidade ocupa um lugar de tabu na nossa sociedade. E cada vez que se adia mais a compreensão dela como um processo natural de existência, diminui-se a tolerância ao erro, ao fracasso, à perda, tornando-se, ao contrário do que poderia se esperar, uma maior causa de frustração de expectativas. O que esperar de positivo desta filosofia, então?

Kintsugi, a canção, nasceu do desejo de ser a resina e o ouro que une minhas partes, ora em estado de sofrimento, mas também de encantamento pelo seu desvendar. Enxergar e ser o ouro. Perceber o sentido que se caminha (a linha)

e o sentir, pois que se anseia viver plenamente.

Os pedaços emocionais de si, as histórias e lembranças se transformam em uma grande “colcha de retalhos” onde é possível revisitar e contar a própria vida, como um filme que algumas pessoas dizem assistir quando passam por uma situação de quase-morte: - “passou um filme da minha vida em segundos”. Não ansiar a morte para se ver é aceitar a vulnerabilidade própria de viver. Esse processo é *Kintsugi*.



Halsey caracterizada como David Bowie.

A arte de personificar

Mariana do Amaral

Em outubro de 2024, a cantora americana Halsey lançou seu quinto álbum, o *The Great Impersonator*, que em tradução livre significa “O grande imitador”. A divulgação toda desse álbum foi carregada de referências, um tipo de in-

tertextualidade muito conhecida. Cada dia ela postava em seu Instagram uma imagem dela recriando capas ou ensaios fotográficos de outros artistas de diferentes épocas. Na legenda, ela colocava a música do álbum novo que teve influência aos artistas mostrados em

seus posts (tanto sonoramente, quanto lyricamente) e explicava um pouco sobre elas.

Para começar a falar sobre as referências, escolhi falar da faixa 11, intitulada de “*Darwinism*”. O título faz referência à conhecida teoria da evolução das espécies, desenvolvida por Charles Darwin em 1859. Essa teoria argumenta que apenas os seres que se adaptam ao ambiente conseguem sobreviver e se reproduzir. Na letra da música, a cantora descreve diversos elementos da natureza e fala sobre o sentimento de se sentir de fora e não estar apta o suficiente para conviver em uma sociedade mais evoluída. A música começa com ela observando os oceanos e rios, e ela se questiona: “E se eu for feita apenas para a terra firme e nem um pouco para o mar?” sendo essa, a temática principal da canção. Na divulgação da música, Halsey fez referências ao ícone David Bowie em um photoshoot intitulado “*Scissors*”, do fotógrafo Terry O’Neil, de 1974.

Na faixa seguinte: “*Lonely is the Muse*”, foi uma alusão à capa do álbum *Fallen* (2003), do Evanescence, que tem a cara da vocalista da banda, Amy Lee, em foco com um filtro azulado. A sonoridade da

música é parecida com algo que a banda lançaria, poderia até ser uma colaboração entre as duas.

Para finalizar as análises, gostaria de falar sobre a faixa “*Hurt Feelings*”, na qual a cantora recriou a capa do seu primeiro álbum *Badlands*, (2015), fazendo assim, uma referência a ela mesma.

O álbum é um dos maiores exemplos de Intertextualidade, desde sua divulgação até a sua composição por completo. Halsey fez isso de diferentes maneiras e por isso é um álbum que enxergo como um marco na história da música. Além de referenciar outros artistas, em seu show gravado ao vivo, disponível no Prime Vídeo, ela teve muitas trocas de figurino, se vestindo de acordo com diferentes décadas.

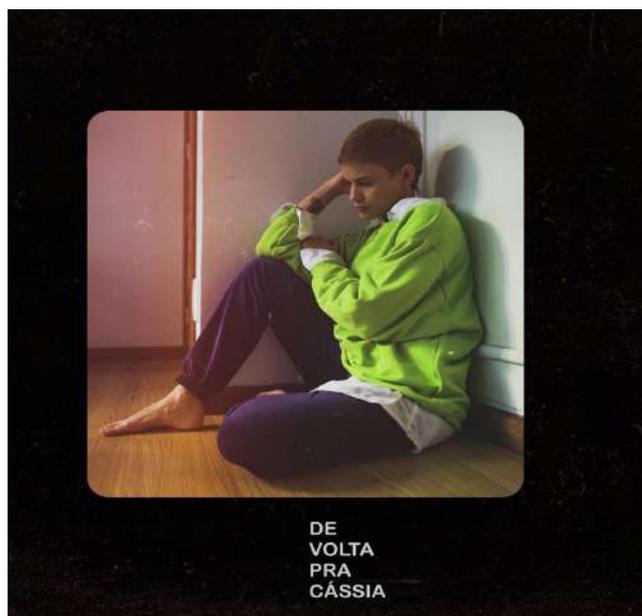


Joana Bentes fotografada por Quéli Unfer, em ensaio de (2023)

A poeta que aprende, inspira e canta

Marina Dias

Uma conversa com a artista Joana Bentes sobre a sua produção musical, a musa Cássia Eller e as voltas que essa relação promove.



Capa do EP "De volta para Cássia, de Joana Bentes, lançado em [2021].

Música é uma combinação harmônica de arranjos, letras e histórias que se entrelaçam em prol da melodia mais bonita. Pelo menos é isso que eu, uma amadora devota do MPB, penso. Com isso, em um de meus passeios pelo perfil de uma artista nova, na busca de algo para ouvir religiosamente, descobri *De volta pra Cássia*, EP da cantora, produtora, compositora e um pouco mais, Joana Bentes. Um trabalho que homenageia não só parte importante de sua própria vida, mas também a incrível história de Cássia Eller.

O projeto *De volta pra Cássia* é muito interessante ao se pensar noções de me-

talinguagem, mas antes disso, foi algo mais pessoal e emocionante do que conceitos técnicos conseguem ser na maioria dos casos. A ideia surgiu a partir de um afeto anterior ao mundo da música profissional, quando uma fita cassete do *Ao Vivo da Cássia* chegou às mãos de Joana. Um ato simples, mas significativo, que reverberou em toda sua trajetória, resultando em um de seus trabalhos. É interessante ver a história que esse EP conta, uma relação de amigas mesmo, que se conhecem há anos e se encontram para conversar sobre as coisas em comum e compartilhar as novidades. Nesta ideia, a artista comenta:

*“Naquela época ainda não entendia muito bem toda a representatividade e as bandeiras que ela levantou, naturalmente, em sua vida. Ao revisitar, porém, sua obra, por várias vezes após sua morte, e tendo encontrado na música meu caminho, imaginei que faria total sentido voltar a ela. Gosto de brincar com as palavras e o trocadilho foi inevitável. Por Enquanto é uma canção do Renato Russo que a Cássia, como de costume, apropriou-se de forma autêntica, e a transformou em seu cartão de visita no mercado musical brasileiro. A letra conta com a frase ‘estamos indo de volta pra casa’, daí o nome do EP, **De volta***

pra Cássia que, de alguma forma, também mostra que a artista é familiar pra mim, algo como casa.”

Além de escolher um caminho, é pertinente entender a maneira como esse trajeto será trilhado. E Joana aponta que não há apenas um modo de agir:

“Entendo que não há limites para a criação, mas ela só vai ao mundo quando você impõe um fim. Talvez seja esse o limite. Quanto a me entender na música acho que é um processo. Sou adepta do ‘nunca diga nunca’ e vejo a mudança com naturalidade. Espero ser de verdade no que eu me propuser a fazer.”

Além de diversos modos de seguir um caminho, existem também outros caminhos a serem seguidos. Joana atuou também como produtora no projeto, e ela comenta a experiência:

“Foi difícil me tirar do armário da produção rs. Acabei que sempre me produzi, desde as coisas amadoras que fazia quando comecei a ter mais intimidade com os programas de gravação, antes de sequer ver a música como profissão. É muito diferente atuar como produtora porque envolve uma atenção mais global.”

E, por fim, a artista comenta sobre o fazer musical:

“Acho que para além de ter uma letra que fale de música ou do processo de composição, a música tem em si mesma o componente metalinguístico da sonoridade.”

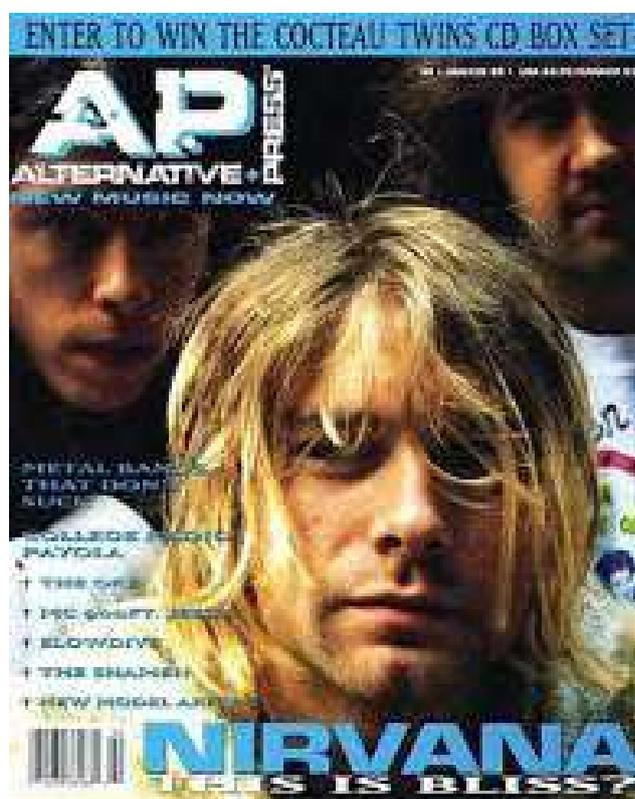
A sonoridade, aspecto tão essencial para a música, é um ponto importante no EP, pois é ela que mostra da melhor maneira possível que o que estamos ouvindo é Joana Bentes. Faço um destaque para Luz dos olhos. Até então, a versão que mais ouvira havia sido a acústica, de Cássia. Quando tive a oportunidade de experimentar a versão de Bentes mais balada, divertida, algo que nunca tinha pensado com essa música encaixou de uma maneira tão leve e bonita. Esse é apenas um dos exemplos neste projeto do quão importante é ter em um trabalho alguém que entende de sonoridade, em conjunto com alguém que entende - ao menos uma parte - de si mesmo. É necessário que alguém use a música para costurar a ela mesma. Ao ouvir de Luz dos olhos até Infernal, todos voltamos um pouco para Cássia. Não deixe de voltar também.

Alternative Press: Um grito do Underground

Davi Mouramad

Desde o começo, a *Alternative Press* se mostrou uma potência no meio da música alternativa. Concebida originalmente como uma fanzine *underground* por Mike Shea para divulgar as bandas que não tinham espaço no *mainstream* da época. De sua fundação em 1985 até hoje, a *AP*, como ficou conhecida, continua sendo uma referência para fãs de punk, emo, post-hardcore e rock alternativo. Sempre com um olhar voltado à diversidade, dando voz a artistas de fora do *mainstream* e celebrando a inovação na música.

Com um início modesto, a revista começou a circular com Shea distribuindo pessoalmente as edições em shows e lojas de discos. O periódico focava principalmente na cena *punk* de Cleveland e outros atos do *underground* que, ignora-



Nirvana na capa de fevereiro de (1992), com Kurt Cobain em destaque.

dos pelas grandes gravadoras, ficavam fora do radar da mídia tradicional. A revista cresceu muito durante os anos 90 com o surgimento do *grunge* e nos anos 2000 com a cena *emo* e *pop punk*.

Bandas como Green Day, Nirvana, My Chemical Romance e Paramore estamparam suas capas antes de alcançarem o estrelato mundial. Outros artistas como AFI, Black Veil Brides, Falling in Reverse e Suicide Silence se projetaram no cenário musical com a ajuda da AP.

Sempre se destacando por suas capas, tentando capturar a essência de cada artista em destaque, muitas vezes representando momentos históricos da carreira das bandas: essa junção de arte, música e narrativa contribui para o status cult que a publicação possui.

Mais do que uma revista, a AP é um eco do *underground* que não pôde ser contido nas páginas e precisava expandir seus horizontes. Com a criação do AP Music Awards, a revista tinha em mente promover o reconhecimento da música alternativa, homenageando artistas e proporcionando performances ao vivo memoráveis.

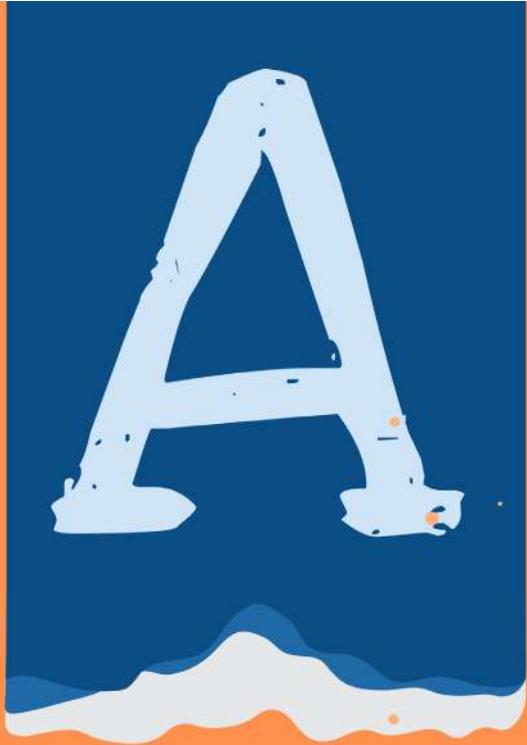
Em um mundo cada vez mais dominado pelo streaming e pelas redes sociais, a *Alternative Press* enfrentou desafios para se manter relevante. No entanto, sua capacidade de adaptação garante

que ela continue sendo uma ponte entre artistas e fãs.

A AP não é apenas uma revista, é uma comunidade que celebra a autenticidade e a paixão pela música. Enquanto a cena alternativa evolui, a *Alternative Press* permanece como um farol, iluminando talentos emergentes e mantendo vivo o espírito independente que a definiu desde o começo. Com uma história rica e um compromisso inabalável com a música alternativa, a AP continua a ser indispensável para quem busca uma conexão profunda com esse universo.

Seja nas bancas, online ou em eventos, a *Alternative Press* reafirma seu papel como uma curadora cultural que vai além das tendências passageiras. Para os fãs de música, ela não é apenas uma revista – é uma porta de entrada para um mundo onde a autenticidade é a única lei.

Atos são movimentos ou grupos musicais que não estão ligados ao mainstream, produzindo eventos e lançando materiais de forma independente.



R

T

E

S

PLÁ

ST

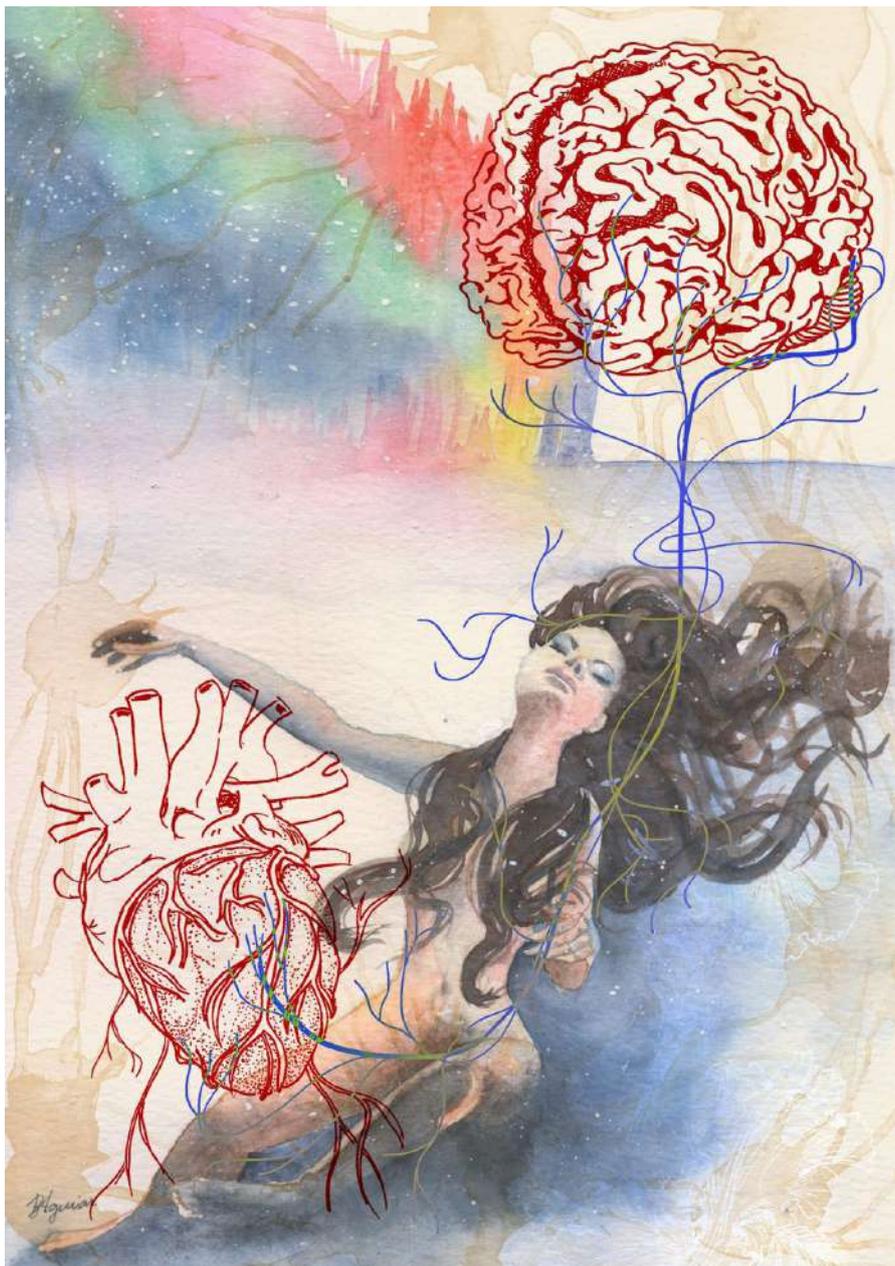
C

A



Entranha da arte

Beatriz Aguiar



PINTURA FEITA POR BEATRIZ AGUIAR, RETRATANDO SUA POESIA.

*A arte pra mim
É uma imagem que me emociona
Que me tira do lugar comum
É um sentir, não sei o quê
É uma música que me inspira
É um cheiro que mexe com a minha memória
É pulsar
É vida
É tudo*

Açaí

Carla Roncarati

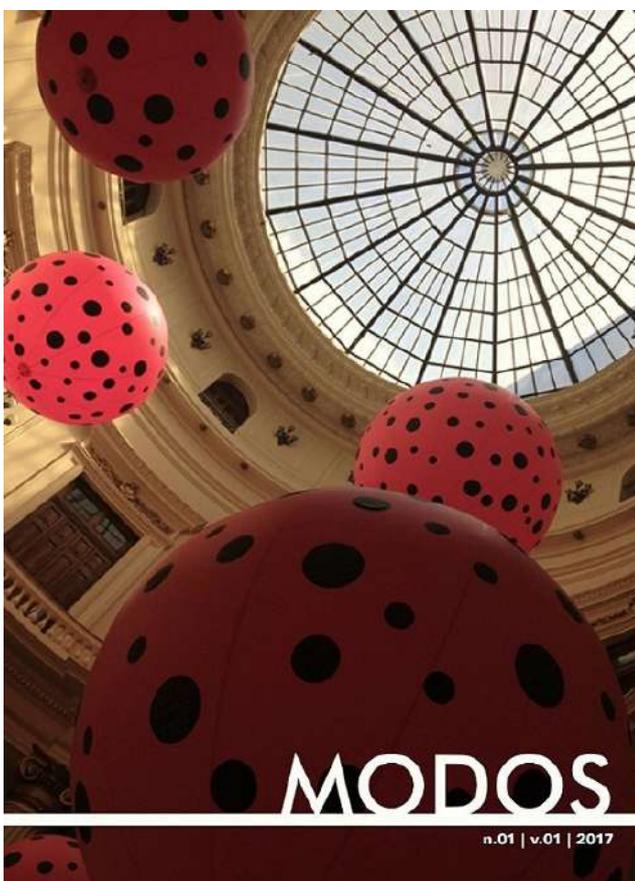


Pintura Açaí, feita com pigmentos vegetais, por Carla Roncarati.

Esta obra resulta de uma pesquisa cujo objetivo foi a utilização de pigmentos vegetais na elaboração da tinta aquarela. Foi produzida com pigmento extraído da fruta açaí, acrescido de água e aglutinante. A pintura, cujo título é “Açaí”, foi elaborada com a aplicação da tinta sobreposta em camadas, obtendo nuances da cor.

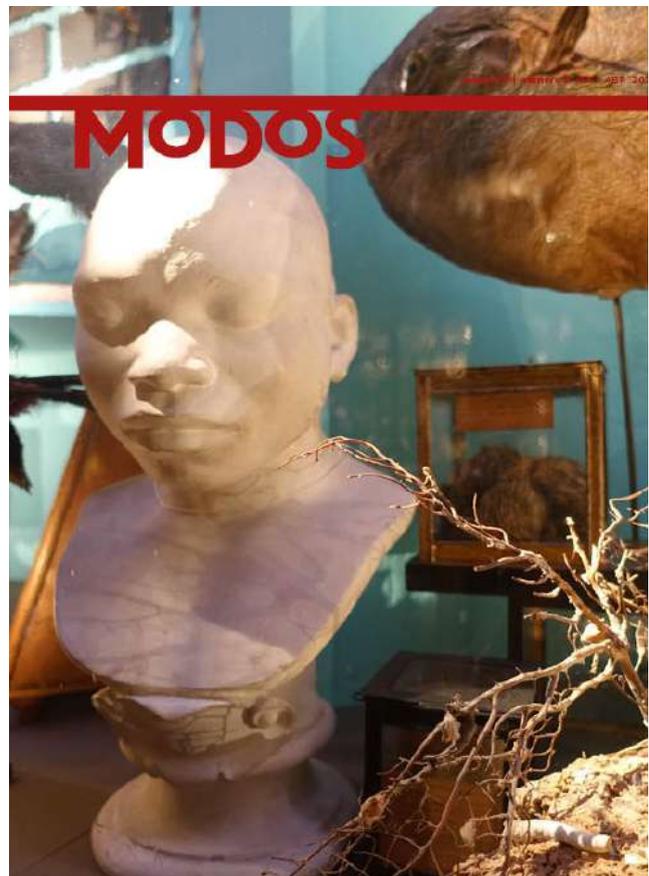
Revistas sobre artes plásticas no Brasil

Mariana do Amaral



Primeira edição da revista Modos (2017), com obra de Yayoi Kusama.

Para a indicação de revistas brasileiras que continuam em produção com temática de artes plásticas, temos a “MODOS: Revista de História da Arte” e a



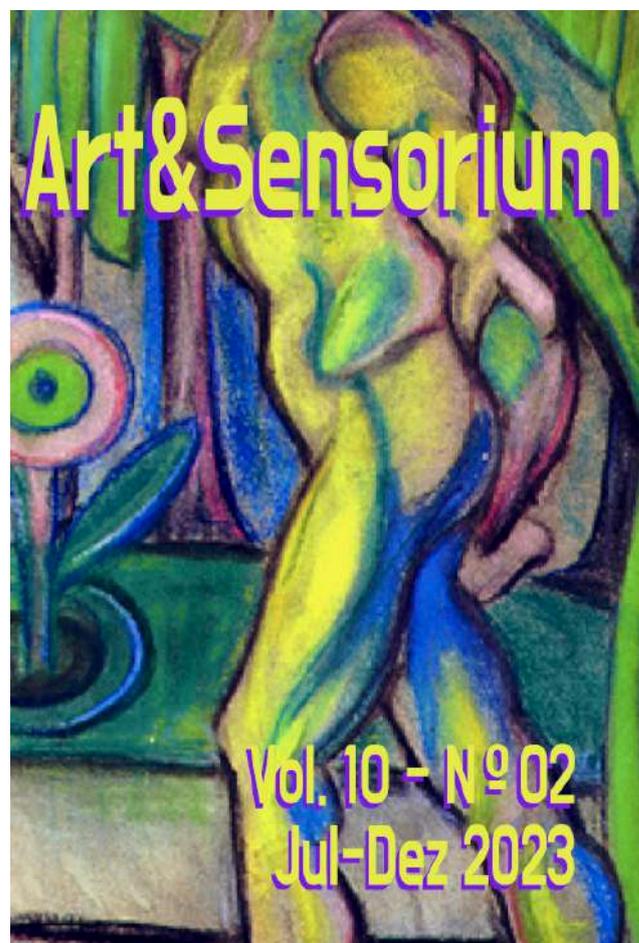
Capa da edição n. 1 de Modos (2025).

“Art&Sensorium”, suas últimas edições foram publicadas em junho de 2024 e janeiro deste ano (2025), respectivamente. A primeira revista faz uma nova publicação de quatro em quatro

meses e a segunda publica anualmente com Publicação Contínua.

A *MODOS* é uma revista produzida por seis diferentes programas de pós-graduação em Artes/Artes Visuais da Unicamp, UFRJ, UnB, UFRGS, UFBA e UERJ. Ela existe desde 2017. Suas publicações incluem artigos, entrevistas, resenhas e textos para dossiês temáticos. As pesquisas que são selecionadas para entrar na revista são aquelas que têm foco em Teoria, Crítica ou História da Arte. Os artigos apresentados incluem um pequeno resumo em português, inglês e francês; bem como podem ter colaborações de pessoas dessas nacionalidades.

A “*Art&Sensorium*” é uma revista idealizada pelo PPGAV (Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais - Mestrado Acadêmico) da Unespar (Universidade Estadual do Paraná) no campus 1, localizado em Curitiba. Publica artigos e ensaios acadêmicos inéditos, em língua portuguesa, inglesa e espanhola. A temática transita entre poesia visual, História e Teoria da Arte e interdisciplinares, com foco em artistas brasileiros ou internacionais.



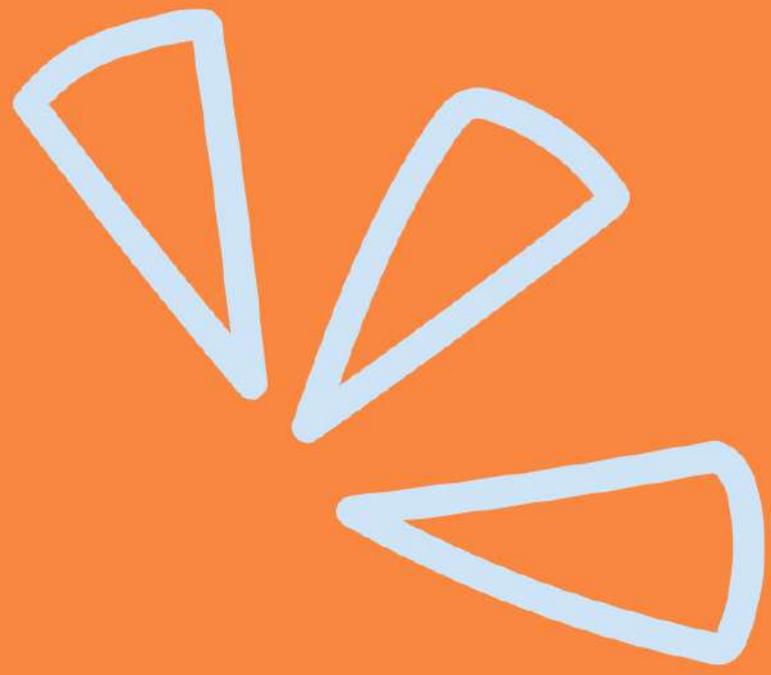
Edição de (2023) da Art&Sensorium, com obra de Anita Malfatti.



Primeira edição da revista Art&Sensorium (2014).

MINI

BIO



**GRA
FIA**

MINIBIOGRAFIA

Arthur Ribeiro da Silva é Assistente em Administração do Cefet-MG e Bacharel em Letras – Linguística do Texto e do Discurso. – “Constelação de texto”.

Beatriz Aguiar do Amaral é formada em Design Gráfico pela UEMG e fez curso de aquarela na Guinard. É artista plástica e, atualmente, trabalha com estamparia. – “Entranha da Arte”.

Bernardo Neto, graduando em Letras no Cefet-MG, nascido em Belo Horizonte. – “Onde estão suas feridas”.

Carla Roncarati é bacharel em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e desenvolve sua poética na área do desenho e da pintura com aquarela, utilizando como suporte o papel e o tecido de seda. – “Açaí”.

Davi Mourawad, graduando em Letras – Tecnologias de Edição do Cefet-MG, é autor de “Alternative Press – Um grito do Underground”, “Kill Bill: entre a lâmina e a lente” e “Para escrever sobre amor”.

Davi Rodrigues de Sousa Javarini é apaixonado por criatividade e se destaca no desenho, no qual sua imaginação se transforma em obras impressionantes. Além disso, é um talentoso criador de jogos de corridas, canalizando sua criatividade e habilidade na programação para desenvolver experiências empolgantes. Sua trajetória é um exemplo de como a paixão e a resiliência podem transformar desafios em conquistas notáveis. – “Entre Silêncios e Versos de um Mundo Infinito: O Brilho do Autismo”.

Denilson Silva é doutor em História e Culturas Políticas (UFMG) e professor no curso de Letras – Tecnologias da Edição do Cefet-MG. Além disso, tem poemas publicados e premiados. – “Papirando” e “Uma fagulha”.

Diogo da Costa Rufatto é graduado em Letras pela Universidade de Passo Fundo, pós-graduado em Tradução pela Universidade Estácio de Sá e em Escrita Criativa pela PUC-Minas, mestre em Estudos de Linguagens pelo Cefet-MG e doutorando nesse mesmo programa. – “Solidão”.

Filipe Freitas é doutor em Comunicação Social pela UFMG e professor do curso de Letras – Tecnologias de Edição do Cefet-MG. – “Monólogo interno”.

Gabriela Lima é técnica em Automação Industrial e graduanda em Letras – Tecnologias de Edição no Cefet-MG. – “Coluna Cinema – Revistas nacionais sobre cinema”.

Ise Moraes é Slammer e estudante de Letras no Cefet-MG. Nascida na Pedreira Prado Lopes e criada em Venda Nova. – “De volta aos velhos hábitos: comentários sobre Tio Vânia (Tchécov)”.

Jean Javarini, nascido em 1977 em Colatina, Espírito Santo, é um renomado professor de Matemática e escritor de destaque. Atualmente, reside em Linhares e possui textos publicados em diversas antologias. Com uma sólida formação acadêmica, é Pós-Graduado em Gestão Escolar. – “Ecos de ficção”.

Joana Bentes é cantora, compositora, produtora musical e multiartista. Capixaba de Vitória/ES, formada em Artes Plásticas pela UFES e graduanda em Letras no Cefet-MG. – “Kintsugi”.

Mariana do Amaral Simões é estudante do segundo período de Letras – Tecnologias de Edição (Cefet-MG). – “Pebolim, “Revistas sobre artes plásticas no Brasil”, “A arte de personificar” e “Cidadão Kane no esgoto: Saneamento Básico e o esquecimento no cinema nacional”.

MINIBIOGRAFIA

Marina Dias é apaixonada pelas escritas e graduanda em Letras no CEFET - MG - “Revista Pernambuco, a literatura em suas pluralidades” e “A poeta que aprende, inspira e canta”.

Nayara Oliveira tem 35 anos e nasceu em Belo Horizonte. Sua primeira formação foi em História e, atualmente, é graduanda no curso de Letras do Cefet-MG. Atua como livreira, profissão que escolheu devido à sua paixão por estórias e história. - “O encontro”.

Patrícia Honório é jornalista, mestra em Desenvolvimento e Gestão Social (UFBA) e graduanda em Letras - Tecnologias de Edição (Cefet-MG). - “Teatro no prelo” e “Cidadão Kane no esgoto: Saneamento Básico e o esquecimento no cinema nacional” .

Robert Gonçalves é estudante de Letras - Cefet-MG, servidor público e flautista amador nas horas vagas. - “Poema Robert”.

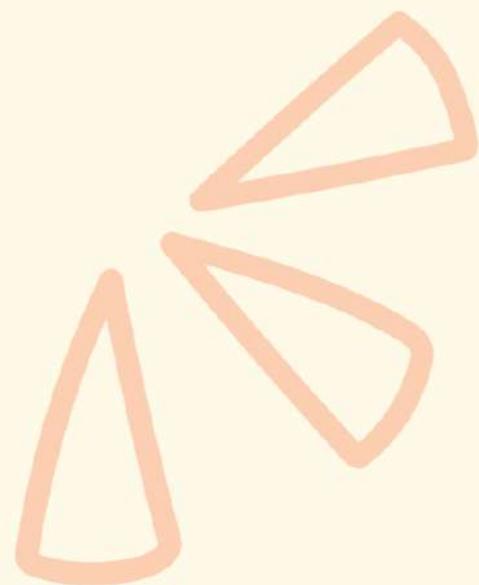
Rogério Barbosa da Silva é poeta e professor de literatura e edição no Cefet-MG. Pesquisador na área de poesia brasileira, portuguesa, poéticas digitais e edição. Autor de “Todos os céus” (Inmensa Editorial, 2024); Coautor de “As pequenas coisas” e “A solidão nas mãos” (Poesia Orbital, 2024), com Wagner Moreira; “A boca na palavra, vias do canto” (impressões de minas, 2018), entre outras publicações. - “Duelos”.

Rogério Coelho tem 47 anos. É poeta, dramaturgo, Slammaster do Slam Clube da Luta e articulador do Coletivo Sarau de Periferia. Graduado em Letras (PUC-MINAS), Mestre em Artes (UFMG) e Doutor em Estudos Literários (FALE - UFMG), é Coordenador de Projetos Sociais pela AIC - Agência de Iniciativas Cidadãs de Belo Horizonte. - “O Slam No Brasil em sua diversidade”.

Rose Lisboa nascida em Santos, mas criada em berço mineiro, no qual cresci entre montanhas e livros. Hoje graduada em gestão financeira, pois os números e cálculos ecoam como poesias aos meus olhos e mente. - “Sopa de letras”.

Sophia Assis Rodrigues é graduada e Mestra em Letras pela Universidade Federal de Lavras. Atualmente, cursa o Doutorado pelo Posling no Cefet-MG. - “Tentativas”.

Yolanda Falinácia é mestranda em Estudos de Linguagens pelo Posling/Cefet-MG, graduada em Letras - Tecnologias da Edição pela mesma instituição, publicitária e especialista em Comunicação Digital e Mídias Sociais pelo Centro Universitário UNA. - “sobre a minha paixão pela vênus em escorpião”.



A fonte utilizada nos títulos é a Incipit Led, desenvolvida durante a disciplina optativa de Edição e Design de Tipos, sob a orientação de Mário Vinícius.



REVISTA PRODUZIDA PELA TURMA DO
SEGUNDO PERÍODO DE LETRAS DE 2024

